



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS GERMÂNICAS**

**MARIANA DA COSTA CHRISTOPHE**

**TRADUZINDO OLHARES: A INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO DO  
AUDIODESCRITOR NA AUDIODESCRIÇÃO DE FOTOGRAFIAS**

Salvador  
2014

**MARIANA DA COSTA CHRISTOPHE**

**TRADUZINDO OLHARES: A INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO DO  
AUDIODESCRITOR NA AUDIODESCRIÇÃO DE FOTOGRAFIAS**

Monografia apresentada ao Curso de Língua Estrangeira Moderna da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Língua Inglesa.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. M.<sup>a</sup> MANOELA CRISTINA CORREIA CARVALHO DA SILVA

Salvador  
2014

Aos que fazem do mundo  
um lugar mais belo,

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Manoela, por ser tão humana e por ter acreditado em mim quando nem eu acreditei. Aprendi muito com você e te admiro demais!

À banca, Sandra e Leila, pelo tempo dedicado à leitura desse trabalho.

À Eliana Franco e ao TRAMAD, por reforçar o meu amor pela tradução e me introduzir ao mundo da audiodescrição, por todo o conhecimento e experiência sem os quais eu não conseguiria desenvolver esse trabalho, pelos ótimos momentos, pelo carinho e pelas risadas.

Aos meus pais, pelo carinho e amor incondicional. Sem vocês nada seria possível.

Mãe, obrigada pela força, pelo apoio, pela paciência, pelo companheirismo, por me ensinar tanto, pelas conversas de mulher pra mulher, por ter esse coração enorme e ser a "Mãe Gladys", por ser essa mulher retada! Meu yang.

Paizão, obrigada pelas conversas, pelo silêncio, pelas músicas e filmes e livros e histórias e quadrinhos e jogos e aulas de matemática, por ter esse coraçãozão, por me enxergar como a mesma menina mas ter sempre me tratado como igual. Meu yin.

Gratidão eterna por ter nascido filha de duas pessoas TÃO incríveis!

Ao Felipe, meu namorado. Pela parceria. Good times, Bad times, tamojunto! Obrigada pelas gargalhadas e puxões de orelha. Pelo aconchego e carinho. Por cuidar de mim nessa etapa tão importante. Obrigada por me arrastar pro samba, pra praia, pra bicicleta, sempre na hora certa.

À minha família, vocês são indispensáveis! Tio Felipe, tia Sônia, Vovó, tia Tagedes, Tatá, Tico, Peu, Paul, Rafa e a galera.

Azamiga, por entenderem minha ausência e me darem tanto apoio e carinho. Bia, Luciana, Milena, Sunna, Lia, Luana, Pat, Lipito, Flávia, Shy, Dani, Nane, Bruninha (minha orientadora nas horas vagas).

Poderia continuar agradecendo, mas vai faltar espaço.

Obrigada a todos que não consegui mencionar, mas que vão estar sempre no meu coraçãozinho.

## RESUMO

A audiodescrição (AD) é uma modalidade de tradução intersemiótica que, através de palavras, torna conteúdos visuais acessíveis para pessoas cegas ou com baixa visão. Apesar de sempre ter existido como prática informal, a AD é uma atividade complexa, especialmente no caso da fotografia, que carece de pesquisas e diretrizes específicas. Com a regulamentação do exercício da profissão de audiodescritor pelo Projeto de Lei nº 5.156 de 2013 a importância da qualificação destes profissionais tornou-se ainda maior. Em vista disso, o presente trabalho visa investigar ADs de fotografias feitas por pessoas com e sem formação na área a fim de verificar como vem sendo realizada a AD de fotografias no Brasil e qual a influência da formação no produto final. Os critérios utilizados para tal surgiram do conjunto das orientações para a AD de imagens estáticas presentes nos guias americanos *Standards for Audio Description and Code of Professional Conduct for Describers* (2007) e *Audio Description Guidelines and Best Practices* (2009), e no manual brasileiro *Orientações para a Descrição de Imagem na Geração de Material Digital Acessível* (2012), publicado pelo MEC. A observância de alguns poucos desses parâmetros pôde ser notada no trabalho de pessoas sem formação, porém, a ausência de conhecimento dos princípios elementares da AD e a falta de conhecimento sobre a linguagem fotográfica comprometeram a qualidade do produto final. No trabalho de pessoas com formação, por outro lado, foi possível perceber que, apesar de não existirem regras específicas para a AD de fotografia, o método de descrição apresenta certa uniformidade. Os profissionais mostraram também sensibilidade quanto à linguagem fotográfica e observaram a maioria dos princípios básicos para audiodescrição de fotografias que desenhamos. Concluímos, portanto, ressaltando a importância da formação para aqueles que desejem trabalhar com audiodescrição para que ao público não vidente sejam oferecidas ADs com a qualidade que o mesmo merece.

**Palavras-chave:** Audiodescrição. Acessibilidade. Tradução intersemiótica. Fotografia.

## ABSTRACT

Audio description is a mode of intersemiotic translation which makes visual content accessible to visual impaired people through words. Although it has always existed as an informal practice, AD is a complex activity especially when it comes to photography for it lacks research and specific guidelines. Taking into account the regulation of the audio description practice as a profession by the Projeto de Lei nº5.156/2003 it is important to highlight the relevance of professional qualification. Thus, this paper aims to investigate audio descriptions of photography made by people with a specific qualification and by amateurs. The objective of such is to understand how this practice is being carried out in Brazil and how the qualification influences the final product. The selected criteria for this analysis arose from the comparison of guidelines specific to static images present in two American guidelines, *Standards for Audio Description and Code of Professional Conduct for Describers* (2007) and *Audio Description Guidelines and Best Practices* (2009), and a Brazilian one, *Orientações para a Descrição de Imagem na Geração de Material Digital Acessível* (2012), published by MEC. Few of the suggested guidelines were observed within the work of amateurs but the absence of some elementary audio description principles and the lack of specific knowledge concerning the language of photography compromised the overall quality of the product. However, regarding the work of professional audio describers, it was noticed that the description method presents several characteristics in common. Professionals also showed sensitivity to the photographic language and followed most of the basic principles for audio description of photographs designed by us. Therefore, as a closure, we highlight the importance of professional training for those wishing to work with audio description so that the visually impaired audiences can be offered good quality ADs.

**Key words:** Audio description. Accessibility. Intersemiotic translation. Photography.

## SUMÁRIO

|          |  |    |
|----------|--|----|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b>                                      | 10 |
| <b>2</b> | <b>O PAPEL DA ARTE</b>                                 | 12 |
| 2.1      | TRADUZINDO O OLHAR: A ARTE ACESSÍVEL PARA NÃO VIDENTES | 13 |
| <b>3</b> | <b>O CASO DA FOTOGRAFIA</b>                            | 17 |
| 3.1      | A FOTOGRAFIA E SUA HISTÓRIA                            | 17 |
| 3.2      | O IMPACTO DA FOTOGRAFIA NO MEIO ARTÍSTICO              | 19 |
| 3.3      | A FOTOGRAFIA COMO ARTE                                 | 21 |
| 3.4      | A COMPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA                               | 22 |
| <b>4</b> | <b>A AUDIODESCRIÇÃO DE FOTOGRAFIAS</b>                 | 28 |
| 4.1      | OS PRINCÍPIOS ELEMENTARES                              | 28 |
| 4.1.1    | OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA AD DE FOTOGRAFIA              | 30 |
| 4.2      | A QUESTÃO DA PROFISSIONALIZAÇÃO                        | 33 |
| <b>5</b> | <b>ANÁLISE DO CORPUS</b>                               | 36 |
| 5.1      | AUDIODESCRIÇÕES FEITAS POR PROFISSIONAIS               | 38 |
| 5.1.1    | GELO SEM FIM   | 38 |
| 5.1.2    | TORONTO, CANADÁ  | 41 |
| 5.1.3    | PORTO, PORTUGAL  | 44 |
| 5.1.4    | OLHAR DO CORAÇÃO (2ª EXPOSIÇÃO, FOTO 12)               | 47 |
| 5.1.5    | CONCLUSÕES PRELIMINARES                                | 50 |
| 5.2      | AUDIODESCRIÇÕES FEITAS POR PESSOAS SEM FORMAÇÃO        | 51 |
| 5.2.1    | PROTEÇÃO DE TELA                                       | 51 |
| 5.2.2    | JUIZ DE FORA, ZONA DA MATA MINEIRA                     | 54 |
| 5.2.3    | PRIMAVERA NO CAMPUS                                    | 57 |
| 5.2.4    | CRISTO REDENTOR, RIO DE JANEIRO(1ª EXPOSIÇÃO, FOTO 9)  | 60 |
| 5.2.5    | CONCLUSÕES PRELIMINARES                                | 63 |
| <b>6</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                            | 64 |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b>                                     | 66 |

## LISTA DE IMAGENS

|           |  |    |
|-----------|--|----|
| Figura 1  | CÂMARA OBSCURA   | 17 |
| Figura 2  | SEM TÍTULO   | 17 |
| Figura 3  | ELEMENTOS FORMAIS – LINHAS   | 23 |
| Figura 4  | ELEMENTOS FORMAIS – LINHAS   | 23 |
| Figura 5  | ELEMENTOS FORMAIS - LUZ E SOMBRA                                     | 24 |
| Figura 6  | ELEMENTOS FORMAIS - LUZ E SOMBRA                                     | 24 |
| Figura 7  | ELEMENTOS FORMAIS - VOLUME   | 24 |
| Figura 8  | ELEMENTOS FORMAIS - TEXTURA  | 25 |
| Figura 9  | ELEMENTOS FORMAIS - TEXTURA  | 25 |
| Figura 10 | ELEMENTOS FORMAIS - ESPAÇO   | 25 |
| Figura 11 | ELEMENTOS FORMAIS - FORMA  | 26 |
| Figura 12 | ELEMENTOS FORMAIS - FORMA  | 26 |
| Figura 13 | ELEMENTOS FORMAIS - COR  | 26 |
| Figura 14 | ELEMENTOS FORMAIS - COR  | 26 |
| Figura 15 | AD PROFISSIONAL - GELO SEM FIM                                       | 38 |
| Figura 16 | AD PROFISSIONAL - TORONTO, CANADÁ                                    | 41 |
| Figura 17 | AD PROFISSIONAL - PORTO, PORTUGAL                                    | 44 |
| Figura 18 | AD PROFISSIONAL - OLHAR DO CORAÇÃO(2a exposição, foto 12)            | 47 |
| Figura 19 | AD PESSOAS SEM FORMAÇÃO - PROTEÇÃO DE TELA                           | 51 |
| Figura 20 | AD PESSOAS SEM FORMAÇÃO - JUIZ DE FORA,<br>ZONA DA MATA MINEIRA      | 54 |
| Figura 21 | AD PESSOAS SEM FORMAÇÃO - PRIMAVERA NO CAMPUS                        | 57 |
| Figura 22 | AD PESSOAS SEM FORMAÇÃO - OLHAR DO CORAÇÃO<br>(1a exposição, foto 9) | 60 |



## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1 – Gelo sem fim                       | 40 |
| Quadro 2 – Toronto, Canadá                    | 43 |
| Quadro 3 – Porto, Portugal                    | 46 |
| Quadro 4 – Foto 12 (Olhar do Coração)         | 49 |
| Quadro 5 – Descanso de tela                   | 53 |
| Quadro 6 – Juiz de Fora, Zona da Mata mineira | 56 |
| Quadro 7 – Primavera no Campus                | 59 |
| Quadro 8 – Cristo Redentor, Rio de Janeiro    | 62 |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo investigar como vem sendo feita a audiodescrição(AD) de fotografias no Brasil a fim de compreender como a profissionalização influencia a produção do audiodescritor.

A AD, recurso tradutório que descreve o mundo visual através de palavras, é uma ferramenta que permite que pessoas cegas ou com baixa visão possam formar uma imagem mental daquilo que não conseguem enxergar (ART EDUCATION FOR THE BLIND, 1996). Inúmeros são os seus benefícios, desde a sensação de inclusão e autonomia concedida a seus usuários até a possibilidade de fruição de artes visuais como a fotografia.

Qualquer pessoa pode descrever uma imagem, mas uma AD que considere as necessidades e preferências do público não vidente deve obedecer a certos parâmetros e depende de formação e treinamento específicos. Porém, nem tudo que vem sendo produzido no Brasil é feito por pessoas que possuem esse treinamento e é possível que o desconhecimento dos parâmetros da AD afete a qualidade do produto final.

Em 2013, o Congresso Nacional regulamentou, através do Projeto de Lei nº 5.156, o exercício da profissão de audioescritor, que foi incluída no Cadastro Brasileiro de Ocupações, CBO. O Projeto de Lei define as atribuições da profissão, que englobam itens como a elaboração de roteiros e, até mesmo, a atuação como professor. Como justificativa, o documento defende o valor da audiodescrição como ferramenta de inclusão, que pode ser utilizada para fins educacionais, profissionais e culturais, garantindo o direito ao acesso à informação e à comunicação, defendido por lei. O documento ainda explica que o aumento da oferta e a profissionalização da atividade tornam indispensável a capacitação dos audiodescritores(BRASIL, 2013).

Diante de tal contexto e entendendo que a audiodescrição, como qualquer atividade tradutória, é bastante complexa (especialmente em casos como o da fotografia, que carece não só de diretrizes específicas, como de pesquisas), sentimo-nos instigados a realizar esse trabalho. Propomo-nos, portanto, a investigar a AD de fotografias no Brasil em busca de respostas para as seguintes questões:

- a) As poucas diretrizes existentes para imagens estáticas, que na realidade originalmente haviam sido pensadas para a AD de obras de arte como pinturas e não fotografias, estão sendo respeitadas?

- b) As ADs feitas por indivíduos sem formação são diferentes daquelas feitas por indivíduos com formação?
- c) As descrições produzidas por pessoas sem formação respeitam, mesmo que instintivamente, o que se entende como mais eficaz para atender as necessidades do público não vidente?

Para levar a cabo esta investigação, foram analisadas oito ADs de fotografias, duas retiradas do artigo *Audiodescrição de Fotografias como Material Didático para o Estudo da Paisagem por Deficientes Visuais*(MOURA,2013)e outras seis das exposições virtuais *Sombras e Lugares, Olhares, O Viajante e Olhar do Coração*; todas disponíveis no site da *Associação Mídia Acessível*(MIDIACE).

As análises foram norteadas pelos princípios básicos para a audiodescrição de fotografias oriundos de nosso estudo e cotejo dos manuais *Standards for Audio Description and Code of Professional Conduct for Describers*(2007) e *Audio Description Guidelines and Best Practices*(2009), ambos americanos, e do guia *Orientações para a Descrição de Imagem na Geração de Material Digital Acessível*(2012), publicado pelo MEC. Além disso, também foi observado se as referidas ADs faziam menção aos elementos técnicos e compositivos da fotografia.

Este trabalho é constituído por seis capítulos. O primeiro capítulo trata da introdução do trabalho, no qual o tema da pesquisa e a estrutura do próprio texto são apresentados.

O segundo capítulo discute o papel exercido pela arte na formação do indivíduo e questiona de que maneira é possível torná-la acessível para pessoas cegas e com baixa visão.

O terceiro capítulo traz um pequeno histórico da fotografia e traça sua trajetória no mundo das artes plásticas. Este capítulo também explora a fotografia em seus aspectos técnicos e compositivos, conhecimentos essenciais para que o audiodescritor possa decodificá-la.

O antepenúltimo capítulo apresenta normas e parâmetros que se referem à AD de imagens estáticas e os princípios básicos que delineamos para a AD de fotografias. Em seguida, aborda a oficialização da AD como profissão e enfatiza a influência da formação do profissional na qualidade da audiodescrição.

No quinto capítulo, são analisadas audiodescrições de fotografias feitas por profissionais e por pessoas sem formação.

O sexto capítulo é reservado às considerações finais do trabalho.

## 2 O PAPEL DA ARTE

Faz parte da natureza humana a necessidade de se relacionar, de expor a sua realidade e entrar em contato com a realidade do outro. Segundo Ernst Fischer, o homem não se completa como indivíduo e, por isso, busca absorver o mundo ao seu redor ao mesmo tempo em que anseia socializar a sua individualidade. Nas palavras do mesmo autor: “A Arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade para a associação, para compartilhar experiências e ideias.” (FISCHER, 1959, p.10-11).

A arte é um canal de comunicação muito eficaz, por meio dela é possível se expressar, compreender o outro e entrar em contato com outras culturas. Assim sendo, podemos deduzir que exerça um papel fundamental na formação do indivíduo. Como frisa Rodrigues, essa formação se refere à “construção de um sujeito, que assuma seus papéis sociais e se perceba na sociedade, tendo sua forma própria de estar, ver, agir e interagir com o mundo” (2010, p.27).

A possibilidade de participar de eventos culturais, tais como uma exposição de pinturas ou uma peça de teatro, por exemplo, servem não apenas a finalidades recreativas, mas expandem os nossos conhecimentos, influenciam nossa visão de mundo e nos permitem interagir com outras pessoas, favorecendo a troca de conhecimentos. O contato com a arte, portanto, ajuda a construir os nossos valores e a nossa identidade como indivíduos e como sociedade; além de funcionar como um facilitador no processo de formação de sujeitos que reconhecem e respeitam a diversidade cultural.

Pelo exposto até aqui, fica claro o quanto o acesso à arte é relevante e porque ele deveria ser um direito de todos. Entretanto, muitas são as barreiras que impedem o acesso total e irrestrito de todo e qualquer indivíduo à arte. Afora os custos elevados dos ingressos e a própria inexistência de salas de cinema ou galerias em todos os municípios brasileiros, alguns cidadãos têm de enfrentar um número ainda maior de impeditivos. Como é através dos sentidos que entramos em contato com o que nos cerca e como em muitas formas de arte o elemento visual é essencial (vide o caso da pintura, da escultura e do cinema), indivíduos não videntes têm historicamente estado à margem dos processos de produção e consumo de bens culturais. A legislação, entretanto, vem tentando mudar essa realidade.

A inclusão em diferentes esferas (educacional, recreativa, cultural, social, etc.) é garantida por lei. De acordo com o Artigo 6º da Constituição Federal, é direito de todo cidadão o acesso à educação, cultura e lazer. A Lei 10.098 (Lei da Acessibilidade), de 2000, ainda estabelece que é dever do Estado promover os meios necessários para que sejam suprimidos quaisquer obstáculos que dificultem ou impeçam a mobilidade e o direito à comunicação das pessoas com deficiência.

Entretanto, como fazer tais direitos “saírem do papel”? Como, em termos práticos, obras de arte podem ser acessadas por pessoas com algum tipo de deficiência visual se elas não conseguem enxergar? Para responder a essas perguntas precisamos do suporte dos Estudos da Tradução e, mais especificamente, de uma de suas modalidades mais recentes: a audiodescrição.

## 2.1 TRADUZINDO O OLHAR: A ARTE ACESSÍVEL PARA NÃO VIDENTES

Inicialmente, o campo dos Estudos da Tradução englobava apenas aqueles processos que envolvessem mudanças de natureza estritamente linguística. Sob esse prisma, processos como o da adaptação de um livro para a linguagem cinematográfica, bem como da legendagem para surdos e ensurdecidos, não seriam reconhecidos como práticas tradutórias. A partir da década de sessenta, entretanto, esse quadro começa a mudar.

Em 1959, Roman Jakobson publica o artigo *On linguistic aspects of translation*, no qual introduz os conceitos de tradução intralinguística, interlinguística e intersemiótica. A tradução intralinguística consiste na tradução de um signo verbal por outro da mesma língua, como no caso da legenda fechada. A tradução interlinguística consiste na tradução de um signo verbal por outro de uma língua diferente como, por exemplo, o que ocorre na dublagem. Já a tradução intersemiótica consiste na tradução de um sistema de signos para outro, como o que acontece quando se converte um roteiro num espetáculo de dança, no qual se parte da escrita para os movimentos. Outro exemplo seria a audiodescrição, cujo objetivo é traduzir imagens a partir de palavras a fim de torna-las acessíveis a pessoas não videntes. A audiodescrição é definida, segundo a norma espanhola UNE 153020(2005), como sendo:

Um serviço de apoio à comunicação que consiste em um conjunto de técnicas e habilidades, com o intuito de compensar a carência de captação de informações visuais contidas em qualquer tipo de mensagem, oferecendo uma informação sonora adequada que a traduza ou explique, de maneira que o possível receptor com deficiência visual perceba tal mensagem como um todo harmônico e da forma mais próxima à percebida por um vidente.(Asociación Española de Normalización y Certificación[AENOR], 2005, p.4, tradução nossa)<sup>1</sup>.

A audiodescrição (AD) sempre existiu enquanto prática informal. É comum que pessoas próximas a indivíduos cegos ou com baixa visão descrevam para eles o conteúdo visual de filmes, quadros ou fotografias, por exemplo. Já enquanto prática profissional, a AD é bastante recente. Ela surgiu na década de 70, nos Estados Unidos; passando a ser adotada na Europa a partir de 1985. Atualmente, além de nos Estados Unidos, a AD vem sendo pesquisada e existe como prática regulamentada, especialmente, na Inglaterra, Espanha e Alemanha.

Os brasileiros foram oficialmente apresentados à AD muito recentemente. O primeiro evento público a contar com o recurso, o Festival Internacional de Cinema *Assim Vivemos*, ocorreu em 2003. Essa iniciativa pioneira foi seguida pelo lançamento do DVD do filme *Irmãos de Fé*, de 2005, da peça teatral *Andaime*, de 2007, do espetáculo de dança *Os Três Audíveis*, de 2008, e da ópera *Sansão e Dalila*, de 2009. (FRANCO; SILVA, 2010).

Ainda assim, a AD no Brasil dá seus primeiros passos tanto no que toca à oferta, quanto às leis de acessibilidade. É de 2000 a lei 10.098, que garante aos portadores de deficiência o acesso aos meios de comunicação (FRANCO, 2007). Entretanto, a implantação efetiva de recursos que permitam esse acesso, tais como a audiodescrição, vem acontecendo lentamente. Apenas em 2010, por exemplo, foi publicada a Portaria nº 188 (Brasil, 2010), que determina a exibição de 4 horas semanais de programação audiodescrita na TV aberta. A portaria não especifica que tipo de programa ou o horário em que deve ser oferecida a programação acessível. Além disso, apesar de existirem, segundo o Censo de 2010, mais de 6,5 milhões de pessoas cegas ou com baixa visão no Brasil, ainda é pequeno o público beneficiado pelo recurso, já que a AD só está disponível através do sinal digital, e o

---

<sup>1</sup> Texto original: Servicio de apoyo a la comunicación que consiste en el conjunto de técnicas y habilidades aplicadas, con objeto de compensar la carência de captación de la parte visual contenida em cualquier tipo de mensaje, suministrando una adecuada información sonora que la traduce o explica, de manera que el posible receptor discapacitado visual perceba dicho mensaje como um todo armónico y de la forma más parecida a como lo percibe una persona que ve.

sinal digital aberto ainda não é oferecido para grande parte do país, sendo recebido apenas por aparelhos de TV específicos. Outra questão é que a legislação ainda não se estende para o cinema, o teatro, exposições de arte ou DVDs e a AD desse tipo de atração depende quase que exclusivamente de iniciativas de grupos de pesquisa de algumas universidades e ONGs.

Por se tratar de uma prática relativamente recente no Brasil, também existem poucas pesquisas sobre AD. Os primeiros trabalhos foram desenvolvidos na Universidade Federal da Bahia (UFBA) pelo grupo de pesquisa, pioneiro no campo da AD, Tradução Mídia e Audiodescrição (TRAMAD)<sup>2</sup> no ano de 2004, seguidos pelos estudos do grupo Legendagem e Audiodescrição (LEAD) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) datados de 2008. Atualmente, além da UFBA e da UECE, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) também têm investido em pesquisas na área.

Em contrapartida a esse quadro pouco animador, pesquisas e depoimentos atestam o valor da AD como ferramenta de inclusão; como é o caso de um estudo conduzido por Evans e Pearson, em 2009, no Reino Unido. Nesse estudo, um grupo de 172 entrevistados respondeu a um questionário sobre o papel social da televisão e a relevância da AD. Os depoimentos de dois dos participantes são bastante ilustrativos a respeito dos benefícios da ferramenta:

Jennifer disse “com a audiodescrição eu consigo formar minhas próprias opiniões sobre os programas e participar das discussões.” Michael concordou com ela, dizendo “o que você falou sobre a inclusão é o principal benefício da AD [...] todo mundo tem uma opinião sobre o *Exterminador do Futuro*, mas até que *O Exterminador do Futuro* fosse audiodescrito eu não o havia assistido. Mas agora eu posso, agora tenho uma opinião sobre o filme”(EVANS;PEARSON, 2009, p.383)

Os benefícios da AD são inegáveis, mas sua eficiência depende diretamente do preparo do profissional, que deve ter familiaridade com os parâmetros da AD, estar informado a respeito das pesquisas da área e levar em consideração fatores que vão desde a natureza do produto a ser audiodescrito até o público a que se destina.

O investimento em formação e em pesquisas acadêmicas, portanto, é extremamente relevante para o desenvolvimento da AD no país. Existem diferentes tipos de AD para diferentes tipos de produções, o público é heterogêneo e tem preferências e necessidades

---

<sup>2</sup> Foi à partir da minha participação como voluntária no TRAMAD, de 2009 a 2012, que pude entrar em contato com a audiodescrição. Minha vivência no grupo foi o que motivou essa pesquisa e me permitiu aprender sobre AD a partir da prática, das leituras e discussões.

distintas. É preciso estudar que tipos de linguagem e narração são mais adequados a cada produção e apenas através da pesquisa essas questões poderão ser resolvidas. Como coloca Sabine Braun no artigo *Audiodescription Research: State of the Art and Beyond*, “as pesquisas futuras devem ajudar a identificar a melhor maneira possível de audiodescrever diferentes tipo de performance e[...]estabelecer modelos para analisar(e até explicar) por que algumas descrições são mais eficazes que outras.”(2008, p. 12)

Observações como essa se mostram tanto mais relevantes no caso de produções como a AD de fotografias, que ainda não conta com parâmetros específicos. Do material disponível, nem manuais, nem artigos ou pesquisas sobre a AD de imagens estáticas tratam a temática com profundidade. Assim, para compreender as especificidades dessa modalidade de AD e contribuir para o surgimento de novos horizontes de pesquisa que permitam o aprimoramento das práticas já existentes, escolhemos nos debruçar sobre a AD de fotografias.

No capítulo seguinte, portanto, focamos em maior profundidade o universo daquela que é considerada a oitava arte: a fotografia.



### 3 O CASO DA FOTOGRAFIA

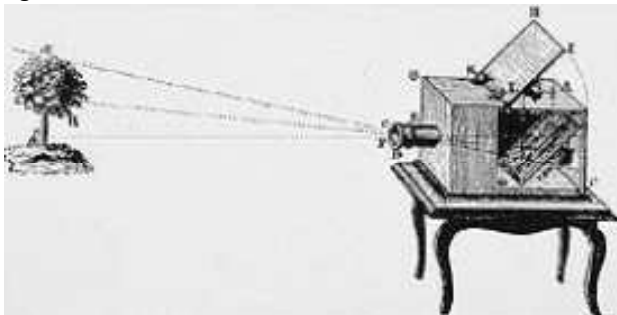
#### 3.1 A FOTOGRAFIA E SUA HISTÓRIA

Das representações primitivas nas paredes das cavernas à cultura da imagem em que estamos hoje inseridos, a vontade de registrar o mundo através de imagens sempre existiu. Como coloca Jorge Felz:

A história do homem sobre a terra sempre foi marcada pelas tentativas de apreensão da realidade. Assim surgiram as primeiras pinturas rupestres, como as de Altamira, na Espanha e de Lascaux, na França, que datam de 50 mil anos atrás. Dessas primeiras tentativas de fixação, surgiram dois caminhos diferentes, de um lado a escrita, uma tradução gráfica da própria fala e, de outro, todas as artes baseadas na imagem, como a pintura, o desenho e a escultura. (FELZ, Jorge, 2007, p.15)

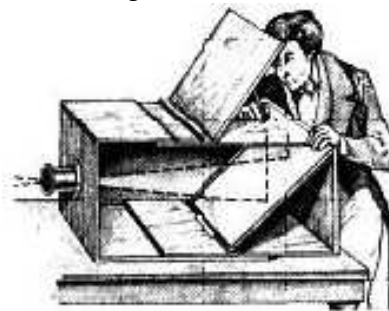
É assim também que, muitos séculos mais tarde, surge a fotografia. O primeiro passo para o que deu origem à fotografia foi a câmara escura, que consiste em um quarto, ou uma caixa, com um orifício por onde a luz pode passar. Assim, a sombra do que houver entre a fonte de luz e o orifício é refletida em seu interior, possibilitando que os contornos do objeto sejam copiados. Há registros de sua utilização desde o século IV. No entanto, a primeira descrição detalhada do mecanismo data do século XV, feita por Leonardo da Vinci.

Figura 1 – Camara Obscura



Fonte: Mnemocine<sup>3</sup>

Figura 2 – Sem Título



Fonte: Mnemocine

A criação da fotografia como conhecemos hoje foi um processo gradual, fruto de diferentes pesquisas. Vários pesquisadores isolados tinham um interesse comum. Eles desejavam descobrir como fixar as imagens obtidas através da câmera escura (DE PAULA, 1999). Foram as contribuições desses diversos indivíduos que, ao longo dos anos,

<sup>3</sup>Disponível em: < <http://mnemocine.com.br/fotografia/images>>. Acessado em: out, 2014

culminaram com a criação do que hodiernamente chamamos de fotografia. Alguns nomes se destacam nessa história.

No século XVIII, o cientista Johann Heinrich Schulz percebeu que um composto de prata escurecia em contato com a luz. O francês Joseph Nicéphore Niépce, então, usou um papel umedecido em solução de cloreto de prata e o expôs na câmera escura. Seu objetivo era copiar obras de arte e o resultado foi uma fotografia em negativo. Estava dado o primeiro passo. Seis anos depois, em 1832, ele conseguiu capturar a primeira foto em positivo e a chamou de heliografia(CAPTURED LIGHT, 1996).

Paralelamente às pesquisas de Niépce, um pintor francês chamado Louis Jacques Mandé Daguerre também estudava uma forma de conseguir imagens mais nítidas e duradouras através da câmera escura. Daguerre utilizava a câmera escura para fazer esboços de paisagens que pintava em painéis e pretendia desenvolver um método mais prático que pudesse fixar a imagem a ser copiada. Daguerre utilizava chapas metálicas como base.

Em 1829, Daguerre passou a trabalhar em parceria com Niépce. Segundo o pesquisador Jeziel de Paula(1999), Daguerre descobriu um processo utilizando vapor de mercúrio que produzia imagens muito mais nítidas e que, aliado à utilização de uma solução com sal de cozinha, permitia tornar a imagem permanente. Os estudos de Daguerre também possibilitaram que o tempo de exposição da imagem, que antes variava entre 8 e 12 horas aproximadamente, diminuísse para 30 minutos. Em 1839, Daguerre divulgou suas descobertas na Academia Francesa de Artes e Ciência e o seu método, batizado de daguerreótipo, difundiu-se rapidamente. Entretanto, ainda não era possível fazer cópias. A questão só seria solucionada a partir de descobertas realizadas em solo inglês.

Na Inglaterra, Henry Fox Talbot, sem ter conhecimento dos experimentos dos dois franceses, também trabalhava no sentido de fixar as imagens da câmera escura. No entanto, ele utilizava o papel. Com o apoio de John Herschel, outro cientista interessado no processo fotográfico, ele criou um novo processo e registrou a patente de seu calótipo em 1841. Algum tempo depois, ele conseguiu produzir imagens em negativo que podiam ser copiadas, porém, por serem feitas em papel, elas ainda não tinham a nitidez dos daguerreótipos.

Com o passar dos anos, muitos fotógrafos surgiram, mas para trabalhar com os métodos de Daguerre ou Talbott era preciso pagar pela patente. Assim, as investigações continuaram por parte de vários interessados em desenvolver um processo próprio e menos dispendioso. Como o daguerreotipo não podia ser reproduzido, foi o calotipo que mais deu margem a inovações técnicas e foi novamente em solo inglês que a técnica de revelação ganhou novos rumos.

Em 1850, Frederick Scott Archer criou uma solução viscosa chamada colódio. Essa solução era aplicada em chapas de vidro que, então, recebia uma camada de nitrato de prata. As chapas de vidro resultavam em imagens tão nítidas quanto o daguerreotipo, mas que, por serem translúcidas, podiam ser reproduzidas. Agora todas as condições haviam sido criadas.

Esse processo foi muito utilizado por cerca de 20 anos, mas ainda era extremamente complicado fazer fotografias devido à quantidade de materiais que o fotógrafo precisava carregar e o tempo que levava para se produzir uma fotografia. Foi então que, em 1870, um jovem inglês chamado George Eastman revolucionou o processo fotográfico. Ao substituir a base de vidro de Archer por um material transparente e flexível, ele criou o filme fotográfico em rolo; além de desenvolver uma câmera específica para sua criação. Essa câmera foi batizada por ele de Kodak. Em 1888, Eastman disponibilizou a câmera e o filme para o mercado e abriu uma oficina de revelação, popularizando a fotografia (CAPTURED LIGHT, 1996).

### 3.2 O IMPACTO DA FOTOGRAFIA NO MEIO ARTÍSTICO

Evidentemente, o impacto causado pela invenção da fotografia foi muito grande e sua criação foi essencial para o advento de outras formas de arte como o cinema. Entretanto, no início, seu caráter utilitário sobrepujou sua natureza artística e a fotografia não foi prontamente reconhecida como uma forma de arte; especialmente por sua relação um tanto quanto conturbada com a pintura.

Em meados do século XIX, quando da divulgação e difusão da fotografia, ainda era comum entre os membros da alta sociedade a encomenda de retratos pessoais ou de família. Esses quadros deveriam ser realistas nos mínimos detalhes. Ter um retrato era sinal

de status e custava caro tanto pela exclusividade quanto pela habilidade dos artistas. Segundo relata o historiador da arte Ernst Gombrich(1977), a chegada da fotografia causa um impacto considerável; dividindo as opiniões no meio artístico e intelectual. A nova técnica ganhou espaço numa área antes dominada por pintores, pois cumpria com a demanda de retratos cada vez mais detalhados. Contudo, questionava-se o seu status como arte, já que um retratista precisava ter talento e habilidades específicas enquanto que, ao fotógrafo, bastava dominar a técnica. A confecção de um retrato era demorada: algumas sessões eram necessárias para que fosse concluído. Com a fotografia bastavam alguns minutos posando para obter um resultado de um realismo e riqueza de detalhes muito superiores à pintura; e por um preço muito mais acessível. A controvérsia foi tamanha, que houve quem proclamasse o fim da pintura, como o poeta Baudelaire que escreve em carta a Jean Morel, diretor da *Revue Française*, sobre o Salão de Belas Artes da França.

Se for permitido à fotografia substituir a arte em qualquer uma de suas funções, ela logo será totalmente suplantada e corrompida, graças à aliança natural que encontrará na tolice da multidão. É preciso então que ela retorne ao seu verdadeiro dever, que é o de ser serva das ciências e das artes, a mais humilde das servas, como a imprensa e a estenografia, que nem criaram nem suplantaram a literatura...(BAUDELAIRE, 1859 apud ENTLER, 2007, p. 12-13).

O que houve não foi, senão, o oposto. A fotografia, de modo algum, substituiu ou corrompeu a pintura. Ao passo que os retratos realistas e detalhados ficaram a cargo dos fotógrafos, os pintores se sentiram mais livres para experimentar. Assim, a fotografia contribuiu decisivamente para que a pintura encontrasse novos horizontes, influenciando o surgimento de um novo movimento estético: o impressionismo.

O desenvolvimento da máquina fotográfica portátil e do instantâneo ocorreu durante os mesmos anos que também presenciaram a ascensão da pintura impressionista. A máquina fotográfica ajudou a descobrir o encanto da cena fortuita e do ângulo inesperado. Além disso, o desenvolvimento da fotografia iria impulsionar ainda mais os artistas em seu caminho de exploração e experimento. Não havia necessidade de a pintura executar uma tarefa que um dispositivo mecânico podia realizar melhor e mais barato.(GOMBRICH, 1977, p. 379)

### 3.3 A FOTOGRAFIA COMO ARTE

Nos cem anos que seguiram a sua criação, portanto, a fotografia esteve atrelada a um caráter documental, como se a imagem capturada fosse uma perfeita transposição da realidade. Essa atribuição se devia ao fato de ser uma máquina, e não o homem, o responsável pela captura da imagem e, por esse mesmo motivo, os críticos da época entendiam que essa captura não dependia do gênio do fotógrafo se opondo, assim, à obra de arte (DUBOIS, 1993. p.27).

Foi por conta desse caráter documental que a fotografia passou a ser muito utilizada por jornais, e logo foi adotada também pela publicidade e pela ciência. Segundo o teórico André Rouillé (1998), essa relação só começa a se alterar algumas décadas após a Segunda Guerra Mundial, quando a fotografia deixa de acompanhar as demandas da indústria, da ciência e da informação, perdendo espaço para novas tecnologias.

Com a intenção de conferir à fotografia o status de arte surge, no final do século XIX, o movimento pictorialista; que, para Rouillé (1998), visava antes aproximar a fotografia da arte tradicional do que criar um espaço autônomo para uma nova forma de expressão artística. O pictorialismo rompia com o caráter documental que imperava na época, mas justamente através da descaracterização da fotografia, usando técnicas que imitavam a pintura. Com as vanguardas como o Dadaísmo, o Surrealismo e, mais tarde, a Pop Art, a fotografia ainda aparece como coadjuvante, mas passa a ser bastante explorada por artistas como Marcel Duchamp e Andy Warhol. Isso representa uma abertura importante para a oitava arte e, à partir dos anos de 1970 ela encontra um espaço próprio, se afastando do estigma de mera repetição.

Por volta da década de 1960 essa mudança epistemológica passa a ser defendida por autores de diferentes áreas, que propõem uma “desconstrução do realismo fotográfico”(DUBOIS, 1998, pg.38). Rudolf Arnheim(1957), por exemplo, chama a atenção para características que distanciam a fotografia do real. Primeiramente, a imagem é definida pelo ângulo, pelo enquadramento e pela distância do objeto. Em termos estéticos, enquanto a realidade se apresenta em três dimensões, a fotografia não tem profundidade e as cores são reduzidas a tons de cinza(e, mesmo com a fotografia colorida, podem ser manipuladas).

Ademais, há que se considerar que a fotografia é um recorte espaço-temporal meramente visual, excluindo os outros sentidos, ainda que os desperte.

Em consonância com a argumentação de Arnheim, outros teóricos da época atestam que a foto não é neutra, ela carrega significados; destacando o papel do fotógrafo como aquele que constroi a mensagem e do espectador, que a decodifica de acordo com o seu repertório cultural e afetivo. Como bem coloca Philippe Dubois:

...todas essas propostas insistem na “gênese” do dispositivo em detrimento do “resultado”. Pois é bem aí, nesse deslocamento de “ponto de vista”(Peirce), nessa mudança de posição epistemológica que se situa a novidade teórica da relação moderna com a fotografia. Se quisermos compreender o que constitui a originalidade da imagem fotográfica, devemos obrigatoriamente *ver o processo* bem mais do que o produto e isso num sentido extensivo: devemos encarregar-nos não apenas, no nível mais elementar, das modalidades técnicas de constituição da imagem (a impressão luminosa), mas igualmente, por uma extensão progressiva, *do conjunto dos dados que definem, em todos os níveis, a relação desta com a situação referencial*, tanto no momento da produção (relação com o referente e com o sujeito-operador: o gesto do olhar sobre o objeto: momento da “tomada”) quanto no da recepção (relação com o sujeito-espectador: o gesto do olhar sobre o signo: momento da retomada – da surpresa ou do equívoco). (DUBOIS, 1998, pg. 33)

Para compor a imagem, onde cada escolha implica em possíveis significados, do tema às cores, o fotógrafo dispõe de uma série de componentes, denominados elementos formais da composição. A seleção destes elementos e a forma como são explorados enunciam a mensagem do autor. Para descrever uma fotografia, portanto, é preciso conhecer esses elementos, pois são eles em última instância que determinam o resultado final e retratam a intenção do artista. Dedicamos, portanto, a próxima sessão a seu estudo.

### 3.4 A COMPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

Para começar a explicar como se organiza a linguagem fotográfica, David Präckel(2010, p.13) coloca a seguinte questão “O que é uma boa fotografia?” As respostas possíveis geralmente se referem a aspectos técnicos ou compositivos. Inicialmente, tratemos dos aspectos técnicos. Esses correspondem ao foco, à profundidade de campo e à velocidade de obturação. Através do foco, o fotógrafo determina para onde dirigir o olhar do espectador. A profundidade de campo define se toda a imagem será nítida ou se irão existir

áreas desfocadas. Já, a depender da velocidade de obturação, é possível conferir à imagem uma sensação de movimento.

Os aspectos compositivos, por sua vez, são definidos pelos elementos formais. Existem sete elementos formais na fotografia e a literatura apresenta nomenclaturas variadas para os mesmos. São eles: linha, luz e sombra, volume, textura, espaço, forma e cor.

As **linhas** são essenciais e estão presentes em todas as imagens, podendo ser implícitas ou explícitas. Elas ajudam a direcionar o olhar e são indispensáveis para conferir a sensação de perspectiva. Na figura 3, temos um exemplo da utilização de linhas explícitas criando uma imagem em perspectiva. Já na figura 4, as linhas estão implícitas, apenas sugeridas pelos rostos das pessoas.

Figura 3 – Sem Título



Fonte: Fotografia-DG<sup>4</sup>

Figura 4 – Sem Título



Fonte: Analógicos Anônimos – wordpress<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://www.fotografia-dg.com/elementos-composicao-fotografica-textura-espaco-ii/>> . Acessado em: out, 2014

<sup>5</sup> Disponível em: < <https://analogicosanonimos.wordpress.com/2013/06/16/a-linha-elementos-formais-de-composicao/>> . Acessado em: out, 2014

**Luz e Sombra** são considerados os elementos fotográficos fundamentais. Podem dar destaque a um componente ou criar sensações como quietude ou alegria. Assim como as linhas, são essenciais para a definição de vários outros elementos, como volume, textura e forma. Como podemos ver na imagem à esquerda, o único ponto de luz está sobre a mulher, evidenciando a sua atitude contemplativa. Já na imagem à direita, a luz cria um ambiente claro, dando uma idéia de celebração, alegria.

Figura 5 – Sem Título



Fonte: Dicas de Fotografia <sup>6</sup>

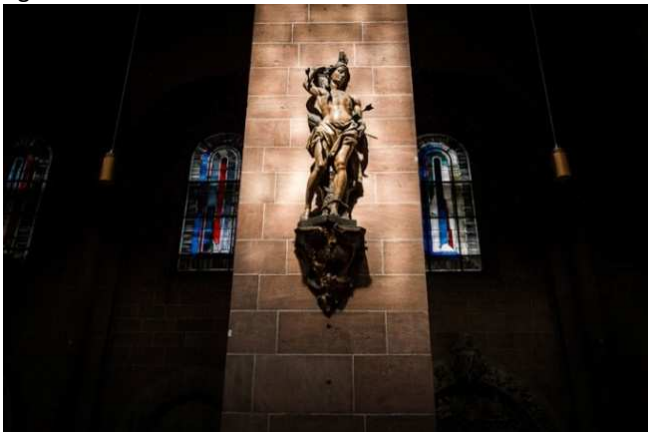
Figura 6 – Sem Título



Fonte: Dicas de Fotografia

Como a fotografia é plana, é preciso criar a sensação de **volume**, que se dá a partir do controle de luz e sombra e do enquadramento. É assim que as formas da escultura na imagem abaixo são evidenciadas.

Figura 7 – Sem Título



Fonte: Dicas de Fotografia

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.dicasdefotografia.com.br/os-elementos-formais-na-fotografia>. Acessado em: out, 2014



A **textura** é obtida através da interação da luz com a superfície fotografada, podendo ser evidenciada ou não. Nas fotografias que se seguem temos dois exemplos de textura. Na primeira, ela é obtida com uma luz lateral, criando sombras do lado direito. Na segunda, ela é alcançada graças a uma luz frontal e difusa aliada ao enquadramento fechado.

Figura 8 – Sem Título



Fonte:Oswaldo Hernandez – Slideshare<sup>7</sup>

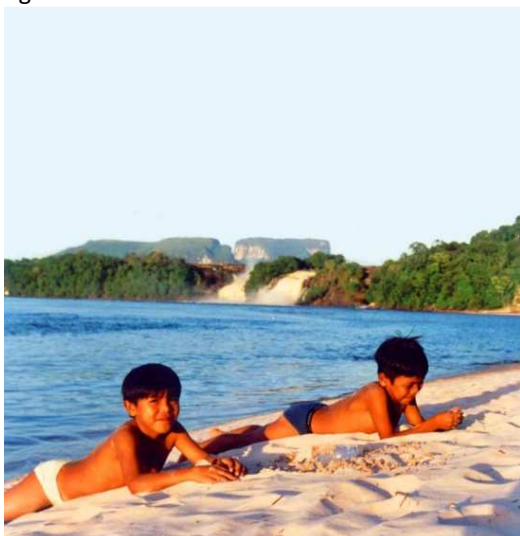
Figura 9 – Sem Título



Fonte: Fotografia DG

O **espaço**, também construído pelos outros elementos, ajuda a dar destaque ao tema (assunto principal da foto) e permite criar planos de perspectiva. O controle da profundidade de campo é importante para a definição do espaço. O espaço positivo é preenchido pelo tema, enquanto os espaços vazios ou fora de foco constituem o chamado espaço negativo. No exemplo abaixo, os meninos e a areia formam o espaço positivo e o fundo, o espaço negativo.

Figura 10 – Indiozinhos em Canaima



Fonte: Midiace<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Disponível: < <http://pt.slideshare.net/OswaldoHernandez/fotografia-elementos-visuais>>. Acessado em: out, 2014

A **forma** pode ser definida pela cor, pelo jogo de luz e sombra e pelas linhas e, assim como elas, pode ser bem evidente ou apenas sugerida. Na primeira imagem, a forma, criada pelas linhas, está bem evidente. Na segunda, a forma sinuosa é sutilmente conferida pelas linhas da árvore e das nuvens.

Figura 11 – Sem Título



Fonte: Analógicos Anônimos - Wordpress

Figura 12 – Sem Título



Fonte: Analógicos Anônimos – Wordpress

---

<sup>8</sup>Disponível em: < <http://www.midiace.com.br/index.php/exposicao/o-viajante/819>>. Acessado em: out, 2014

A **cor**, assim como luz e sombra, é um elemento importante. Além de permitir uma grande variedade de combinações, a cor tem significados culturalmente definidos, o que a torna um artifício comunicativo muito eficiente. Na figura 13, o vermelho serve como um elemento estético e cria um contraste com o cinza, uma cor frequentemente associada à chuva e ao frio. Na figura 14, a utilização de cores quentes, como o amarelo, criam uma atmosfera familiar e aconchegante.

Figura 13 – Sem Título



Fonte: Oswaldo Hernandez – Slideshare

Figura 14 – Sem Título



Fonte: Dicas de Fotografia

Conhecer todos esses aspectos é muito importante na hora de descrever uma imagem. Cada um deles reflete a intenção do fotógrafo; especialmente em se tratando de fotografia criativa (de arte, publicidade, jornalística) já que, nesse caso, as escolhas dos elementos e a forma como estão dispostos não são aleatórias, tem uma função, uma intenção. Cabe ao audiodescritor, de posse desses conhecimentos, decodificar a imagem para poder descrevê-la. Entretanto, isso não é suficiente. Aliado ao conhecimento desses elementos formais, o profissional de AD precisa também conhecer as normas que regem a atividade da audiodescrição. Detalhar essas normas é o objetivo do próximo capítulo.

## 4 A AUDIODESCRIÇÃO DE FOTOGRAFIAS

De acordo com Franco e Silva, a audiodescrição é a “transformação de imagens em palavras para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão” (2010, p.23). Assim, embora não se trate de uma tradução linguística, a audiodescrição pode ser definida como tradução intersemiótica. A AD é, segundo aponta Anna Ballester Casado, uma transferência entre dois sistemas semióticos; onde a imagem é o sistema de partida e a palavra, o de chegada (2007, p.160). Mas como é feita essa transferência? Quais os princípios que norteiam essa prática? O que dizem as normas que regulam a atividade, especialmente o que tange a AD de fotografias?

### 4.1 OS PRINCÍPIOS ELEMENTARES

Para audiodescrever qualquer produto, é necessário que se tenha conhecimentos mínimos sobre a área na qual se produzirá a AD. Isso porque as descrições irão dialogar com cada linguagem artística específica. No caso de produções audiovisuais como filmes, por exemplo, a AD é construída a partir de sua interação com diversos outros elementos como diálogos, efeitos sonoros e música. O audiodescritor, portanto, precisa levar em consideração a linguagem cinematográfica. Em se tratando de fotografias, é preciso lidar com elementos formais como linha, luz e sombra, volume, textura, espaço, forma, e cor; pois é a partir da combinação desses elementos que a imagem se constrói e “se comunica” com o público (PRÄCKEL, 2012). Assim, para a AD de fotos, também é necessário que o profissional esteja familiarizado com uma linguagem artística específica: a linguagem fotográfica. Contudo, isso não é suficiente.

Para chegar a um texto que cumpra a sua função comunicativa, o audiodescritor precisa, também, entender a linguagem visual e ter ferramentas para conseguir transmiti-la. Bassols e Santamaria (2006) explicam que um texto eficaz não deve exigir muito esforço, mas deve oferecer o máximo de informação e prazer sem se alongar muito. Segundo as autoras, o texto audiodescritivo, em especial, por se originar na escrita e se destinar à transmissão oral, pede um estilo e estrutura próprios. Em primeiro lugar, deve-se atentar para a extensão da frase, pois períodos contendo até 20 palavras são mais facilmente

memorizados. Em segundo lugar, vem a questão da ordem sintática. Deve-se priorizar a ordem direta e evitar orações subordinadas. Em seguida, é preciso considerar a clareza semântica e dar preferência ao uso de palavras menos abstratas, mais usuais, curtas e que tenham mais apelo emocional. Caso o texto seja mais longo, pode-se utilizar a repetição dos elementos temáticos. Por fim, não se deve desprezar a beleza linguística, utilizando figuras de linguagem, como o exemplo, a metáfora e a metonímia (Bassols; Santamaria 2006)<sup>9</sup>. Entretanto, mesmo se respeitando esses princípios, isso ainda não é suficiente.

Tão importante quanto a familiaridade com a linguagem artística específica e o domínio do estilo e estrutura linguísticos próprios do texto audiodescritivo, é o conhecimento dos parâmetros que norteiam a prática; a exemplo das normas publicadas por países como Estados Unidos, Inglaterra, Espanha e Alemanha.

Nos EUA existem dois documentos, *Standards for Audio Description and Code of Professional Conduct for Describers* (AUDIO DESCRIPTION COALITION, 2008) e *Audio Description Guidelines and Best Practices* (AMERICAN COUNCIL OF THE BLIND'S AUDIO DESCRIPTION PROJECT, 2010); na Inglaterra, *Guidance on Standards for Audiodescription* (INDEPENDENT TELEVISION COMMISSION, 2000); na Espanha, a *Audiodescripción para Personas con Discapacidad Visual. Requisitos para la Audiodescripción y Elaboración de Audioguías UNE 153020*(ASOCIACION ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN, 2005); e, na Alemanha, *Wenn aus Bildern Worte werden - Durch Audio-Description zum Hörfilm*(BENECKE, 2004).

Cada um desses países desenvolveu, a partir de sua própria realidade, parâmetros para a realização da AD de acordo com as preferências do seu público, mas, guardadas as diferenças, existem alguns princípios básicos, comuns a todos eles, que devem ser levados em consideração na construção de um roteiro de AD. A primeira orientação é a de descrever o que se vê, o que implica em:

a) Não resumir. Ao invés de simplesmente dizer “Eles brigam” descrever COMO a briga acontece.

b) Não interpretar. “A garota anda rápido, olhando o relógio” é mais adequado que apenas dizer “ela está com pressa”.

---

<sup>9</sup>Essas observações foram originalmente pensadas para a AD de materiais audiovisuais. Assim, vale ressaltar que, por se tratar da descrição de imagens estáticas, as ADs de fotografias tendem a ser mais longas e a contar com estruturas sintáticas mais complexas, já que não dependem dos espaços de silêncio e são, em geral, produzidas para exposições com o objetivo principal da fruição de obras de arte.

c) Não emitir opiniões pessoais. Por exemplo, ao falar de um personagem devemos falar suas características físicas mas não dizer que ele é bonito ou feio.

d) Não adiantar informações ou fornecer informações extra. O público da AD deve ter acesso às mesmas informações que o público vidente.

São os parâmetros presentes nesses guias ou normas que embasam a prática da AD em países sem tanta tradição, como o Brasil, onde ainda não existe um manual mais abrangente. A NBR 15.290 dá conta de alguns aspectos da descrição de filmes e materiais audiovisuais e o MEC lançou, em 2012, um conjunto de orientações para a descrição de imagens em livros didáticos. Entretanto, esses documentos são bastante vagos e não trazem diretrizes específicas para a descrição de fotografias. Na realidade, nem mesmo as normas publicadas em países com mais tradição em AD se debruçam em profundidade sobre a questão das fotos. Vejamos o que podemos garimpar a respeito nesses documentos.

Faremos uma análise mais detalhada dos documentos americanos, por serem os únicos que mencionam especificamente a descrição de imagens estáticas, e os brasileiros, por serem aqueles que regulam mais diretamente o contexto de AD nacional.

#### 4.1.1 OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA FOTOGRAFIA

Em 2009, foi publicado pelo American Council of the Blind, um guia de AD intitulado *Audio Description Guidelines and Best Practices*. Segundo seu editor, Joel Snyder, esse documento é um apanhado de orientações e práticas apresentados em diferentes materiais sobre AD; construídos mais a partir da experiência de audiodescritores do que de pesquisas científicas. O guia se divide em orientações para a AD de performances, material audiovisual e artes visuais e foi revisado por um comitê que incluía videntes e não videntes envolvidos com a audiodescrição, como Lisa Hoffman, consultora de AD, e Deborah Lewis, uma das fundadoras da Audio Description Coalition(ADC)<sup>10</sup>. Embora o documento não aborde a AD de fotografia de forma direta, os critérios que se referem às imagens estáticas podem ser aplicados a essa prática, como vemos a seguir:

---

<sup>10</sup> Audio Description Coalition(ADC) é um comitê formado por audiodescritores e consultores de audiodescrição que elaborou, em 2006, o manual *The Audio Description Coalition Standards and Code of Professional Conduct*, que estabelece normas para a realização de diferentes modalidades de AD e o código de conduta dos audiodescritores.

- É preciso contar com um consultor cego;
- É necessário fornecer referências táteis, como tamanho e formato;
- É interessante falar sobre o estilo (o manual se refere à pintura) e, então, falar sobre o que está representado, se referindo a elementos como as cores, texturas e sombreamento;
- É preciso que, depois de dar uma ideia geral, as descrições sejam mais vívidas e recomenda-se descrever os detalhes pertinentes e focar em diferentes partes da imagem;
- É importante falar da perspectiva, do plano (plano de fundo, primeiro plano, etc.) e do foco;
- É necessário atentar para a orientação espacial. Assim, ao indicar a posição dos elementos, pode-se usar a posição dos números em um relógio como referência, por exemplo. Dessa forma, pessoas com visão residual podem orientar o olhar mais facilmente;
- É interessante fazer referência aos outros sentidos para ajudar na descrição, usando comparações sinestésicas, como o uso de sons, uma trilha sonora ou os ruídos do ambiente retratado. Do mesmo modo, o uso de analogias pode ser útil para explicar conceitos, como a ideia do mosaico para descrever o cubismo, por exemplo

O material publicado pela organização *Audio Description Coalition* (ADC) em 2007, *Standards for Audio Description and Code of Professional Conduct for Describers*, é fruto da colaboração entre audiodescriitores e professores de AD e baseia-se na experiência dessas pessoas e no manual *Standards for Audio Description*, publicado pela California Audio Describers Alliance. As orientações são as seguintes:

- Ao iniciar a descrição, partir do geral para o específico, descrevendo os elementos na ordem em que aparecem, dando ao ouvinte uma noção do todo e indicando qual o tipo de trabalho antes de partir para os detalhes.
- Ao detalhar a orientação espacial, descrever do ponto de vista de quem observa. Por exemplo, indicar que determinado elemento está à direita de quem vê.

- Ao se referir às dimensões de um trabalho, arredondar as medidas(10m x 10m ao invés de 9m47cm).

- Não deixar de mencionar as cores. Elas são importantes tanto para pessoas com baixa visão quanto para que os demais ouvintes possam acessar os significados emocionais ou intelectuais associados às cores.

- Não comparar uma imagem com referências visuais. Para usar o exemplo dado no documento em questão: Se a pessoa nunca viu o céu estrelado, dizer que os diamantes da saia da rainha causam esse mesmo efeito pode não ter significado algum.

- Quando a imagem tiver profundidade, descrever do primeiro plano para o último; a não ser que o foco primário esteja em outro lugar.

- Se houver alguma característica marcante, que chame a atenção à primeira vista, vale a pena descrever isso primeiro; o que também pode ajudar a situar as pessoas com baixa visão.

- Se não houver uma ordem pré- estabelecida, começar descrevendo de baixo para cima, da esquerda para a direita.

- Para evitar que a descrição seja muito longa e cansativa, nem todos os elementos expostos precisam ser descritos. É mais apropriado fazer um resumo do conteúdo geral e uma descrição completa de itens em destaque.

Quanto às diretrizes brasileiras, dois são os documentos os quais versam sobre a prática da AD: a NBR 15.290 e o guia lançado pelo MEC contendo orientações para a descrição de imagens em livros didáticos. A NBR 15.290 não fornece muitos dados e é de pouca ajuda para a presente pesquisa. Seu foco exclusivo é a audiodescrição de material audiovisual como filmes e a programação de TV. Em seu item 5.5, afirma que o canal de áudio alternativo deve ser utilizado, entre outras coisas, para a transmissão de “áudio com a descrição de imagens e sons, quando o programa produzido for originalmente em português.” E, no item 6.0, especifica que o áudio com a descrição de imagens deve informar o que não pode ser entendido sem a visão de forma sucinta, sem exageros ou monotonia. Diz ainda que a descrição deve ser compatível com o programa, mais objetiva se for para



adultos, mais poética se for infantil; oferecendo informações extras caso se trate de um filme de época, mas evitando descrições subjetivas. Não há menção sobre a AD de imagens estáticas.

Já o documento publicado pelo MEC em 2012, as *Orientações para a Descrição de Imagem na Geração de Material Digital Acessível*, é dirigido para a descrição de ilustrações e histórias em quadrinhos presentes em materiais didáticos. Nele, existem algumas orientações que podem ser aproveitadas para a AD de fotografias:

- Identificar o tema da imagem e o plano de enquadramento;
- Escolher a linguagem mais adequada para a descrição. Empregar adjetivos para qualificar a imagem, verbos no presente para ações e advérbios para definir as circunstâncias da ação;
- Descrever os detalhes em destaque, as cores e, no caso de paisagens, identificar o tipo de ambiente, se é uma cidade ou uma floresta, por exemplo.

Após a análise e o cotejo dessas normas, chegamos a uma lista de critérios, os quais consideramos como os princípios básicos para a audiodescrição de fotografias. Em nosso último capítulo, portanto, as ADs das fotografias selecionadas serão analisadas de acordo com esses mesmos critérios. Serão observadas: a forma como é trabalhada a orientação espacial; as referências às cores; a ordem em que são descritos os elementos; a menção aos planos e ao foco; a priorização de itens em destaque; a atenção à linguagem; e as informações sobre o tema, o local fotografado, a exposição e o fotógrafo. A partir dessa análise, será possível verificar se há diferenças entre o trabalho de audiodescritores com e sem formação e quais seriam essas diferenças.

Passemos, por hora, à discussão da importância da profissionalização daqueles que atuam na área da AD no Brasil.

#### 4.2 A QUESTÃO DA PROFISSIONALIZAÇÃO

Como mencionado anteriormente, a descrição de conteúdos visuais para pessoas cegas ou com baixa visão pode ser oferecida tanto por pessoas próximas aos não videntes,

uma prática informal e de caráter paliativo, como por pessoas que tenham algum tipo de formação em AD. É de se supor, contudo, que descrições produzidas por leigos, como no caso das fotografias descritas por professores de geografia do estudo de Jeani Moura mencionado em nossa introdução(MOURA, 2013), não tenham a mesma qualidade que aquelas produzidas com base em pesquisas e por pessoas que tenham passado por uma formação específica.

A importância da formação do audiodescritor já foi, inclusive, alvo de estudos. O TRAMAD, por exemplo, realizou uma pesquisa de recepção que consistiu na exibição de duas versões audiodescritas de um mesmo trecho do filme *Irmãos de Fé*: a comercial, produzida por alguém sem conhecimento específico sobre AD, e a acadêmica, produzida por integrantes do próprio grupo. Quando comparadas, as respostas baseadas na versão acadêmica obtiveram um número maior de acertos no questionário de compreensão que aquelas baseadas na versão comercial. Além disso, o público foi unânime ao escolher a versão acadêmica como aquela de sua preferência (FRANCO et al., 2011).

Jorge Díaz Cintas (2006) também destaca a importância da formação. Para o teórico, é essencial o conhecimento exaustivo e sistemático da língua materna, de questões relacionadas à deficiência visual, da semiótica da imagem e da teoria e prática da AD em todas as suas dimensões. O autor preconiza a necessidade de uma formação “completa e exaustiva” (2006, p.26) do audiodescritor para que a profissão se estabeleça sobre uma base sólida, que garanta aos consumidores um produto de alta qualidade.

Essa noção, isto é, a visão da necessidade de profissionalização do audiodescritor para que o serviço prestado possa atender as reais necessidades e preferências do público-alvo, tem ganhado cada vez mais força no Brasil. Como reflexo dessa realidade, em 2013, a audiodescrição foi reconhecida oficialmente como profissão na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)<sup>11</sup>.

Com a oficialização da profissão e o caráter obrigatório da AD definidos por lei, a ênfase na formação do audiodescritor se faz ainda mais necessária. Acreditamos que a acessibilidade deve ser promovida, mas o produto final deve ter qualidade. A AD deve ser

---

<sup>11</sup> A CBO(Classificação Brasileira de Ocupações é um documento divulgado pelo Ministério do Trabalho e Emprego que enumera as ocupações do mercado de trabalho brasileiro para fins de pesquisas estatísticas e registros administrativos e fornece uma descrição das funções realizadas, especificando os requisitos de formação e experiência profissionais necessários para desempenhá-las ([www.mteco.gov.br](http://www.mteco.gov.br)).

pensada para o público a que se destina, produzida com base em pesquisas e oferecida por pessoas qualificadas para tal.

No caso da AD de fotografia, que não conta com diretrizes específicas que orientem sua produção nem sequer nos tradicionais guias internacionais, a importância da formação do audiodescritor é ainda maior. Por tudo isso, decidimos investigar como a AD de fotografias está sendo produzida no contexto brasileiro e qual a influência da formação na qualidade do produto final. Vejamos, agora, se a análise das ADs das fotografias selecionadas, empreendida usando os princípios básicos que elencamos neste presente capítulo, refutou ou confirmou nossa hipótese

## 5 ANÁLISE DO CORPUS

Neste trabalho foi investigada a relevância da formação do audiodescritor na audiodescrição de fotografias. Para tanto, foram comparadas oito fotografias audiodescritas; quatro delas realizadas por pessoas com formação e quatro por pessoas sem formação. A comparação teve como referência parâmetros oriundos da comparação e cotejo das normas de audiodescrição norte-americanas combinadas às orientações do MEC. Através da análise das audiodescrições, buscou-se verificar se os princípios básicos delineados neste trabalho são adotados pelos audiodescritores com formação e se estão presentes, ainda que de forma intuitiva, no trabalho de pessoas sem formação.

Das fotografias selecionadas, seis foram retiradas de exposições virtuais do site [www.midiace.com.br](http://www.midiace.com.br) e duas do artigo *Audiodescrição de Fotografias como Material Didático para o Estudo da Paisagem por Deficientes Visuais* de Jeani Delgado Paschoal Moura. No site, as fotos são acompanhadas da AD em áudio e, no artigo, a descrição das fotografias aparece por escrito. O critério de seleção das imagens foram suas características em comum, ou seja, todas são fotografias coloridas de paisagens. Vale salientar que da exposição *Olhar do Coração* foram escolhidas duas fotos; uma para cada categoria analisada. Isso porque esta exposição tem duas versões: a primeira foi realizada por uma amiga da fotógrafa e a segunda foi feita por audiodescritores profissionais.

Cada fotografia é seguida pela apresentação dos elementos compositivos encontrados, pela transcrição da audiodescrição e pela análise da referida AD na forma de um texto seguido por um quadro que resume as principais informações utilizadas na análise. Iniciamos com as quatro ADs produzidas por profissionais; seguidas das quatro ADs realizadas por pessoas sem formação. Em primeiro lugar, investigaremos se as descrições respeitam os princípios elementares da audiodescrição - presentes de forma semelhante nas normas alemãs, inglesas, espanholas e norte-americanas: descrever o que se vê; não interpretar; não resumir ou dar opiniões pessoais. Além disso, verificaremos se são mencionados os elementos compositivos. Por fim, investigaremos se as ADs seguem os princípios aqui propostos, resultantes do cotejo das normas selecionadas. Desse modo, as análises levarão em conta as características que se seguem:

- Menção às dimensões e à posição da fotografia ;

- Descrição partindo do mais geral para o mais específico;
- Referências às cores, texturas e sombreamento;
- Referência à perspectiva, foco e plano; dando preferência aos itens que estiverem com o foco mais nítido e/ou em primeiro plano;
- Indicação da posição dos elementos à partir do ponto de vista do espectador;
- Menção aos itens em destaque, se houverem, e descrição da direita para esquerda, de cima para baixo;
- Atenção à utilização de comparações sinestésicas ao invés de referências visuais;
- Uso de linguagem clara e objetiva e exploração de analogias, metáforas e outras figuras de linguagem.

## 5.1 AUDIODESCRIÇÕES FEITAS POR PROFISSIONAIS

### 5.1.1 GELO SEM FIM

Figura 15 – Gelo Sem Fim



Fonte: Midiace<sup>12</sup>

Exposição: *O Viajante*

Fotografia: Zizo Asnis

Audiodescrição: Edna Morato

Nesta imagem, o fotógrafo brinca com a profundidade de campo, se utilizando das cores para criar linhas horizontais que delimitam os planos sobrepostos (o rochedo, o mar, o paredão, as montanhas e o céu). O destaque ao tema, o paredão de gelo, é dado pelo enquadramento centralizado. A textura do paredão e das rochas contrasta com o aspecto tranquilo do mar; um ponto que também pode ser explorado na audiodescrição. As cores desempenham um papel importante nesta composição e devem ser destacadas para reforçar a impressão de um ambiente frio.

**Transcrição da audiodescrição:** “A foto retrata um grande paredão de gelo de cor branca azulada que percorre toda a porção centro horizontal de um lado a outro da foto, formando uma muralha de neve maciça. À frente dessa enorme faixa de gelo, o mar de água cinza

<sup>12</sup>Disponível em: <<http://www.midiace.com.br/index.php/exposicao/o-viajante/819>>. Acessado em: out, 2014

esverdeada repousa tocando-lhe a base em linha também horizontalizada. À frente do mar, num plano mais próximo da câmara fotográfica na porção inferior direita da foto, figura um homem minúsculo, trajando roupa escura com uma mochila bege nas costas. Ele está de pé sobre uma superfície rochosa acidentada de coloração mesclada de marrons e ocre. O homem está de costas para a câmara e parece admirar a paisagem extraordinária à sua frente, formada pelo mar e a muralha de gelo. Atrás da imensa faixa de gelo ainda pode-se ver uma monumental montanha de cor azul escura que se ergue à direita. Sua cor azul escura é realçada, em suas áreas mais altas, pelo branco de neves esparsas. Num último plano, à esquerda da foto, temos uma distante cadeia de montanhas de um azul acinzentado, manchado pelo branco da neve, que se distancia acima e em linha paralela ao paredão de gelo. Um céu nublado aparece sobre as montanhas. No meio da margem esquerda da foto, quase que imperceptível, mas ocupando um ponto de equilíbrio na composição da fotografia, aparece a tímida silhueta escura de um pequeno ramo vegetal com suas delicadas folhas.”

**Análise:** A descrição começa pelo tema principal, o paredão de gelo, para depois situá-lo na “porção centro horizontal de um lado a outro da foto”. Em seguida, são mencionados os outros planos: o mar em primeiro plano, o homem ao longe, a cadeia de montanhas ao fundo e o céu. À medida que os planos são mencionados, os elementos vão sendo localizados e descritos em termos de cores, aspectos e texturas: o branco azulado do paredão, as águas cinza esverdeadas do mar, os ocre e marrons da superfície rochosa acidentada de onde o homem observa a paisagem, o azul das montanhas em contraste com a neve branca. A linguagem, assim como cada um dos elementos citados, ajudam a criar a atmosfera da foto. O “céu nublado” ajuda a compor, junto com as menções ao gelo e à neve, um ambiente frio. O mar que “repousa” transmite a sensação de calma. O “imenso” paredão de gelo e a “monumental” cadeia de montanhas, contrastando com o homem “minúsculo” e a “tímida” participação do “delicado” ramo de folhas, representam a grandiosidade retratada. A menção ao raminho de árvore também ajuda a indicar o equilíbrio das formas e fecha a descrição, que começou ampla e termina com um detalhe. É possível, portanto, perceber o conhecimento e a preocupação com os parâmetros que orientam a AD de imagens estáticas.

| Quadro 1 – Gelo sem fim  | Gelo sem Fim |
|--|--------------|
| <b>Parâmetros Elementares da AD</b>  |              |
| Não resumir  | ✓            |
| Não interpretar ou dar opiniões pessoais   | ✓            |
| Descrever o que se vê  | ✓            |
| <b>Atenção aos elementos da composição fotográfica (Luz e Sombra, Linha, Figura, Volume, Textura e Espaço)</b> | ✓            |
| <b>Princípios Básicos para a AD de Fotografias</b>   |              |
| Informações sobre dimensões e disposição da fotografia   | X            |
| Descrição partindo do mais geral para o mais específico  | ✓            |
| Informações sobre cor, textura e sombreamento  | ✓            |
| Informações sobre perspectiva, foco e plano  | ✓            |
| Localização dos itens à partir do ponto de vista do espectador   | ✓            |
| Priorização de itens em destaque   | ✓            |
| Não havendo destaques, descrever partindo da direita para a esquerda, de cima para baixo                       | ✓            |
| Uso de comparações sinestésicas  | X            |
| Evita o uso de referências visuais   | ✓            |
| Uso de linguagem clara e objetiva  | ✓            |
| Uso de figuras de linguagem  | ✓            |



### 5.1.2 TORONTO, CANADÁ

Figura 16 – Toronto, Canadá



Fonte: Midiace<sup>13</sup>

Exposição: *Sombras e Lugares*

Fotografia: Roberto Giugliani

Audiodescrição: Tina Gonçalves

O primeiro elemento que chama a atenção são as cores; muito importantes para caracterizar a estação do ano que o fotógrafo quis retratar. Como o próprio nome da exposição sugere, *Sombras e Lugares*, as luzes e sombras são personagens principais e não podem ser ignoradas. Sendo assim, a silhueta do homem com sua bicicleta é um detalhe importante. O enquadramento sugere linhas horizontais; o que vale ser mencionado. A textura granulada gerada pelas folhas também pode ser explorada.

**Transcrição da audiodescrição:** “A paisagem mostra o ápice do outono em um parque. As copas de oito plátanos, repletas de folhas amareladas, douradas e avermelhadas, tomam

---

<sup>13</sup>Disponível em: <http://www.midiace.com.br/index.php/exposicao/sombras-e-lugares/814>>. Acessado em: out, 2014

conta da metade superior da foto; deixando a outra metade para a beleza de um tapete de folhas com as mesmas cores e nuances, dividido horizontalmente por uma alameda. No canto direito, o traçado do contorno de um banco. O sol mergulha entre as árvores iluminando algumas partes do chão num jogo de sombra e luz. Sob a árvore, mais à frente e à direita, a silhueta de uma pessoa sentada no encosto de um banco, ao lado de uma bicicleta aparentemente apoiada no assento do mesmo banco. (Outra voz: No parque dourado, uma parada pra respirar o outono)”

**Análise:** Nesta descrição, também nota-se o cuidado com as diretrizes já mencionadas. A tradutora parte do geral, explicando que se trata de uma paisagem de outono e, só então, vai descrever os detalhes. O grande destaque são as árvores e o chão coberto de folhas, que são logo mencionados e localizados, indicando também o equilíbrio da composição. A autora dá atenção especial às cores das folhas, muito características do outono na América do Norte. A menção às cores amarelas, vermelhas e douradas das árvores e do chão também ajuda a ambientar a imagem mental do outono num parque. Além disso, é citado o tipo de árvore - plátanos- símbolo do Canadá, que está no título da foto. A descrição também respeita a orientação de descrever o detalhe depois de descrever o quadro geral, finalizando com o homem sentado num banco sob uma árvore com sua bicicleta ao lado e especificando se tratar de uma silhueta.

| Quadro 2 – Toronto, Canadá  | Toronto, Canadá |
|---|-----------------|
| <b>Parâmetros Elementares da AD</b>   |                 |
| Não resumir   | ✓               |
| Não interpretar ou dar opiniões pessoais  | ✓               |
| Descrever o que se vê   | ✓               |
| <b>Menção aos elementos da composição fotográfica (Luz e Sombra, Linha, Figura, Volume, Textura e Espaço)</b> | ✓               |
| <b>Princípios Básicos para a AD de Fotografias</b>  |                 |
| Informações sobre dimensões e disposição da fotografia  | X               |
| Descrição partindo do mais geral para o mais específico   | ✓               |
| Informações sobre cor, textura e sombreamento   | ✓               |
| Informações sobre perspectiva, foco e plano   | ✓               |
| Localização dos itens à partir do ponto de vista do espectador  | ✓               |
| Priorização de itens em destaque  | ✓               |
| Não havendo destaques, descrever partindo da direita para a esquerda, de cima para baixo                      | ✓               |
| Uso de comparações sinestésicas   | X               |
| Evita o uso de referências visuais  | ✓               |
| Uso de linguagem clara e objetiva   | ✓               |
| Uso de figuras de linguagem   | ✓               |

### 5.1.3 PORTO, PORTUGAL

Figura 17 – Porto, Portugal



Fonte: Midiace<sup>14</sup>

Exposição: *Sombras e Lugares*

Fotografia: Roberto Giugliani

Audiodescrição: Marcia Caspary

Mais uma foto da exposição *Sombras e Lugares*; o que já é uma dica do que deve ser trabalhado. O sol e a silhueta do homem são pontos que se complementam e criam equilíbrio, tanto por serem respectivamente, luz e sombra, quanto por estarem posicionados em porções simétricas da fotografia. O equilíbrio parece uma característica digna de destaque pois também é evidenciado pelo enquadramento, com a linha do horizonte bem centralizada. Quanto às cores, por se tratar de uma fotografia de um pôr do sol, devem ser bem trabalhadas. A textura do mar e as linhas horizontais também participam da composição da imagem, não devendo ser omitidas na descrição.

---

<sup>14</sup>Acessado em: <http://www.midiace.com.br/index.php/exposicao/sombras-e-lugares/814>. Acessado em: out, 2014

**Transcrição da audiodescrição:** “A linha do horizonte divide, de um lado a outro, o céu e o mar em proporções equivalentes. Abaixo, à esquerda, a pequena silhueta de um banhista com água pela cintura. Não se identifica se é criança ou adulto. Seu braço esquerdo está erguido, com a mão na altura da cabeça, enquanto o punho direito mergulha na água. O pôr do sol inunda e mescla a paisagem com tons avermelhados e laranja. O sol, de um amarelo ofuscante, está à direita e semi-encoberto por uma camada de nuvens acima do horizonte. Seus últimos raios tingem de cobre as águas levemente onduladas e tranquilas. Uma série de três marolas desliza para a areia. (Outra voz: No final de tarde, um mergulho solitário contra a água e contra a luz.)”

**Análise:** Aqui, também, temos uma descrição que parte do geral para os detalhes. Ao falar sobre a linha do horizonte, já se dá uma ideia da composição da foto: em uma metade o céu, na outra, o mar. Por ser o único elemento presente na metade inferior, a tradutora deu atenção ao banhista, indicando sua localização na foto e dando uma ideia de movimento ao falar da posição dos braços. As cores têm um papel importante, pois se trata de um pôr do sol. A descrição dá conta não apenas disso, pois, ao escolher palavras para dizer que os laranjas e vermelhos “mesclam” a paisagem e que os raios amarelos do sol “tingem” as águas, é possível transmitir a ação do pôr do sol, que colore todo o ambiente, se diferenciando da luz da manhã, por exemplo. Também há o cuidado de localizar o sol, que chama atenção pela cor e está numa posição oposta à do banhista; o que cria certo equilíbrio na foto e que é transmitido para o ouvinte. A descrição também possibilita a compreensão de que se trata de um mar sereno, falando das águas “levemente onduladas” e das pequenas ondas que “deslizam”.

| Quadro 3 – Porto, Portugal  | Porto, Portugal |
|---|-----------------|
| <b>Parâmetros Elementares da AD</b>   |                 |
| Não resumir   | ✓               |
| Não interpretar ou dar opiniões pessoais  | ✓               |
| Descrever o que se vê   | ✓               |
| <b>Menção aos elementos da composição fotográfica (Luz e Sombra, Linha, Figura, Volume, Textura e Espaço)</b> | ✓               |
| <b>Princípios Básicos para a AD de Fotografias</b>  |                 |
| Informações sobre dimensões e disposição da fotografia  | X               |
| Descrição partindo do mais geral para o mais específico   | ✓               |
| Informações sobre cor, textura e sombreamento   | ✓               |
| Informações sobre perspectiva, foco e plano   | ✓               |
| Localização dos itens à partir do ponto de vista do espectador  | ✓               |
| Priorização de itens em destaque  | ✓               |
| Não havendo destaques, descrever partindo da direita para a esquerda, de cima para baixo                      | ✓               |
| Uso de comparações sinestésicas   | X               |
| Evita o uso de referências visuais  | ✓               |
| Uso de linguagem clara e objetiva   | ✓               |
| Uso de figuras de linguagem   | ✓               |



#### 5.1.4 OLHAR DO CORAÇÃO (2ª exposição, foto 12)

Figura 18 – Olhar do Coração – (2ª exposição, foto 12)



Fonte: Midiace<sup>15</sup>

Exposição: *Olhar do Coração*

Fotografia: Jaqueline Rolim

Audiodescrição: Bruna Leão e Klístenes Braga

A perspectiva criada pelas linhas do trem é um elemento compositivo muito forte nesta imagem e, portanto, deve ser mencionado. A densidade da vegetação pode ser explorada como textura. As cores não são um elemento de destaque, mas é preciso indicá-las. A fumaça que sai do trem e as pessoas na janela são pontos sutis, mas que fazem parte da composição e, por isso, devem ser descritos.

**Transcrição da audiodescrição:** “Fotografia horizontal, colorida, com 42 cm de largura por 32cm de altura. A imagem retrata uma maria-fumaça atravessando uma floresta. Do lado esquerdo há três vagões e, mais à direita e ao fundo, a máquina que os puxa. Das janelas dos

<sup>15</sup> Disponível em: < <http://www.midiace.com.br/index.php/exposicao/olhar-do-coracao/836> >. Acessado em: out, 2014

vagões marrons, vemos os passageiros junto às janelas fotografando a paisagem. Do lado direito, vê-se o verde da vegetação. Uma fumaça branquinha sai da chaminé da máquina preta, que segue puxando os vagões. Uma linha preta, em alto relevo, contorna o trem desde a máquina. Fotografia feita no Rio Grande do Sul.”

**Análise:** As primeiras informações referem-se à orientação da fotografia, cor e dimensões, como sugerem os parâmetros. Depois, o tema da fotografia é indicado para, em seguida, dar conta dos detalhes. A descrição dos elementos começa com o tema principal, a maria-fumaça, partindo da esquerda para a direita. Ao indicar a posição da máquina, temos uma ideia de que a imagem está em perspectiva. Talvez esse aspecto pudesse ter sido mais destacado por ser importante na composição da foto. Já as cores são descritas de forma sutil, o que é coerente, já que não são um aspecto marcante na imagem. O tom bucólico é conferido pelo “branquinho” da fumaça, o que demonstra um cuidado com a linguagem empregada. No final, o local onde a foto foi feita é indicado. Esta é uma informação relevante, já que a exposição inclui fotos de paisagens de diversos lugares do Brasil.



| Quadro 4 – Foto 12 (Olhar do coração)   | Foto 12 (Olhar do Coração) |
|---|----------------------------|
| <b>Parâmetros Elementares da AD</b>   |                            |
| Não resumir   | ✓                          |
| Não interpretar ou dar opiniões pessoais  | ✓                          |
| Descrever o que se vê   | ✓                          |
| <b>Menção aos elementos da composição fotográfica (Luz e Sombra, Linha, Figura, Volume, Textura e Espaço)</b> | ✓                          |
| <b>Princípios Básicos para a AD de Fotografias</b>  |                            |
| Informações sobre dimensões e disposição da fotografia  | ✓                          |
| Descrição partindo do mais geral para o mais específico   | ✓                          |
| Informações sobre cor, textura e sombreamento   | ✓                          |
| Informações sobre perspectiva, foco e plano   | X                          |
| Localização dos itens à partir do ponto de vista do espectador  | ✓                          |
| Priorização de itens em destaque  | ✓                          |
| Não havendo destaques, descrever partindo da direita para a esquerda, de cima para baixo                      | X                          |
| Uso de comparações sinestésicas   | X                          |
| Evitar o uso de referências visuais   | ✓                          |
| Uso de linguagem clara e objetiva   | ✓                          |
| Uso de figuras de linguagem   | X                          |

### 5.1.5 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Através da análise das audiodescrições acima referidas, foi possível identificar a observância da maioria dos parâmetros adotados como base de referência, bem como a familiaridade dos tradutores com a linguagem fotográfica. Cada uma das descrições foi feita por profissionais diferentes, o que resulta em estilos de descrição também um pouco diferentes; ora mais detalhadas, ora mais sucintas, por exemplo. Entretanto, é possível perceber entre elas um ponto de aproximação. Em todas as audiodescrições há uma preocupação em ressaltar, através da linguagem, o aspecto poético das fotografias, fazendo com que as informações técnicas, como o foco ou a posição dos elementos, sejam coadjuvantes. Assim, percebe-se que a formação adequada influencia não apenas em questões técnicas, mas também se evidencia no cuidado com a fruição das imagens pelo público.

## 5.2 AUDIODESCRIÇÕES FEITAS POR PESSOAS SEM FORMAÇÃO

### 5.2.1 PROTEÇÃO DE TELA

Figura 19 – Proteção de Tela



Fonte: Midiace<sup>16</sup>

Exposição: *Olhares*

Fotografia: Ju Panissa

Audiodescrição: Ju Panissa

Na fotografia acima, o ângulo de onde a fotografia foi tirada cria um plano geral, sem perspectiva ou volume. A imagem é composta por linhas horizontais delimitadas pelas cores, que estão bem definidas e devem ser evidenciadas. As cores também são importantes para recriar o ambiente ensolarado. Estão em destaque o pasto, a montanha e o céu, mas existem outros pontos que fazem parte da composição e não devem ser ignorados.

---

<sup>16</sup> Disponível em: < <http://www.midiace.com.br/index.php/exposicao/olhares/804> >. Acessado em: out, 2014

**Transcrição da Audiodescrição:** “Foto vertical. Paisagem de uma pastagem em um dia muito ensolarado. A grama está amarelada pela ação do sol. Algumas poucas árvores estão na parte inferior da fotografia, ao final do pasto. Mais ao centro, algumas vaquinhas estão calmamente se alimentando dessa grama. Na linha do horizonte, uma grande montanha preenche a imagem. Acima, o céu azul celeste parece tímido por trás das grandes nuvens, que formam sombras sobre a montanha. E uma solitária árvore, no canto superior direito, completa essa perfeita imagem de uma proteção de tela.”

**Análise:** A fotógrafa se preocupa em começar dando uma ideia geral da imagem, indicando a orientação vertical da foto. Também se nota o cuidado de descrever cada espaço, de baixo para cima - partindo das árvores, para a montanha e, por último, o céu – e de localizar cada elemento na fotografia. A forma como as cores são mencionadas e a escolha das palavras, do “tímido” céu azul celeste às “vaquinhas” que pastam “calmamente”, transmitem a mesma sensação bucólica de um dia no campo presente na imagem. Citar detalhes como a árvore solitária, ou as sombras das nuvens nas montanhas, confere delicadeza ao texto e auxilia na construção da imagem mental. Uma possível ressalva é à comparação com o descanso de tela; uma referência visual que pode não ser compreendida pelos espectadores.

| Quadro 5 – Descanso de tela   | Descanso de tela |
|---|------------------|
| <b>Parâmetros Elementares da AD</b>   |                  |
| Não resumir   | ✓                |
| Não interpretar ou dar opiniões pessoais  | ✓                |
| Descrever o que se vê   | ✓                |
| <b>Menção aos elementos da composição fotográfica (Luz e Sombra, Linha, Figura, Volume, Textura e Espaço)</b> | ✓                |
| <b>Princípios Básicos para a AD de Fotografias</b>  |                  |
| Informações sobre dimensões e disposição da fotografia  | ✓                |
| Descrição partindo do mais geral para o mais específico   | ✓                |
| Informações sobre cor, textura e sombreamento   | ✓                |
| Informações sobre perspectiva, foco e plano   | ✓                |
| Localização dos itens à partir do ponto de vista do espectador  | ✓                |
| Priorização de itens em destaque  | ✓                |
| Não havendo destaques, descrever partindo da direita para a esquerda, de cima para baixo                      | ✓                |
| Uso de comparações sinestésicas   | X                |
| Evitar o uso de referências visuais   | X                |
| Uso de linguagem clara e objetiva   | ✓                |
| Uso de figuras de linguagem   | ✓                |

### 5.2.2 JUIZ DE FORA, ZONA DA MATA MINEIRA

Figura 20 – Juiz de Fora, Zona da Mata Mineira



Fonte: MOURA, 2013, p.8

Fonte: “Audiodescrição de fotografias como material didático para o estudo da paisagem por deficientes visuais”

Fotografia: Jeani Delgado Paschoal Moura

Audiodescrição: professores da Universidade Federal de Juiz de Fora

Nesta fotografia, temos uma perspectiva panorâmica onde cada plano ajuda a criar uma sensação de profundidade. Em primeiro plano, está o morro de onde a fotografia foi tirada. No plano de fundo, temos a cadeia de montanhas e o céu. O morro sugere duas linhas convergentes, criando um ponto de equilíbrio na base da fotografia. A cadeia de montanhas forma linhas horizontais com o céu e a cidade. A cidade, delimitada pelas linhas convergentes do morro e a linha do horizonte, ganha uma forma triangular, interessante de ser mencionada. As cores não ocupam lugar de destaque, mas precisam ser mencionadas, já que caracterizam cada um dos planos.

**Transcrição da Audiodescrição:** “Esta paisagem se localiza no município de Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais (Brasil), em uma região integrante da Zona da Mata Mineira. A imagem desta paisagem foi captada em 2010; em que o fotógrafo se posicionou em um ponto alto da Universidade de Juiz de Fora, tendo uma visão privilegiada no momento de seu “clic” fotográfico. Captou uma imagem surpreendente; uma visão panorâmica da cidade, construída em uma baixada, com seus prédios e casas espalhadas sem uniformidade. Observa-se que a natureza pouco aparece em meio ao concreto da cidade. As árvores estão dispersas, em meio às casas e prédios. Ao estender o olhar para além da baixada onde se formou a cidade, é possível observar “mares de morros”; os quais se misturam com o azulado céu, não podendo se estabelecer com precisão os limites do céu azul, cheio de nuvens, com os dos morros, quase verdes. O branco predominante do concreto, com o azul que chama para o céu e o verde dos morros cobertos por vegetação compõem o visual desta linda cidade. Podemos chamar esta paisagem de Juiz de Fora, Zona da Mata Mineira.”

**Análise:** Neste texto, podemos observar que foram incluídas informações repetitivas; o que compromete a objetividade da descrição. Por outro lado, existe a preocupação em manter uma linguagem mais poética, o que é interessante. No caso da fotografia em questão, a data em que foi tirada não é uma informação importante. Audiodescrever se trata de relatar o que se vê, sendo assim, dizer que “...o fotógrafo se posicionou...tendo uma visão privilegiada no momento de seu “clic” fotográfico. Captou uma imagem surpreendente...” não é relevante para a descrição. Ainda com relação à objetividade, em quatro linhas a informação de que a cidade se localiza numa baixada e que as poucas árvores estão distribuídas entre casas e prédios se repete duas vezes. Em outro trecho, também em poucas linhas, são mencionadas mais de duas vezes que o azul do céu se confunde com o verde dos morros; o que torna o texto cansativo. A descrição também não leva em conta todos os planos da imagem, nem obedece a uma ordem entre eles; o que ajudaria a reproduzir o ponto de vista. Seguir uma ordem ao descrever cada plano é importante. Uma descrição organizada evita que o espectador se confunda e facilita a compreensão, pois os elementos são apresentados como um todo harmônico, obedecendo à composição fotográfica. Esta organização também é importante para que espectadores que tenham visão residual consigam situar o olhar na foto, identificando cada elemento.

| Quadro 6 – Juiz de Fora Zona da Mata Mineira  | Juiz de Fora, Zona da Mata Mineira |
|---|------------------------------------|
| <b>Parâmetros Elementares da AD</b>   |                                    |
| Não resumir   | ✓                                  |
| Não interpretar ou dar opiniões pessoais  | X                                  |
| Descrever o que se vê   | ✓                                  |
| <b>Menção aos elementos da composição fotográfica (Luz e Sombra, Linha, Figura, Volume, Textura e Espaço)</b> | X                                  |
| <b>Princípios Básicos para a AD de Fotografias</b>  |                                    |
| Informações sobre dimensões e disposição da fotografia  | X                                  |
| Descrição partindo do mais geral para o mais específico   | ✓                                  |
| Informações sobre cor, textura e sombreamento   | ✓                                  |
| Informações sobre perspectiva, foco e plano   | X                                  |
| Localização dos itens à partir do ponto de vista do espectador  | ✓                                  |
| Priorização de itens em destaque  | X                                  |
| Não havendo destaques, descrever partindo da direita para a esquerda, de cima para baixo                      | X                                  |
| Uso de comparações sinestésicas   | X                                  |
| Evitar o uso de referências visuais   | ✓                                  |
| Uso de linguagem clara e objetiva   | X                                  |
| Uso de figuras de linguagem   | ✓                                  |



### 5.2.3 PRIMAVERA NO CAMPUS

Figura 21 – Primavera no Campus



Fonte: MOURA, 2013, p.7

Fonte: “Audiodescrição de fotografias como material didático para o estudo da paisagem por deficientes visuais”

Fotografia: Jeani Delgado Paschoal Moura

Audiodescrição: professores da Universidade Federal de Juiz de Fora

A cor aqui é muito importante por conta do contraste criado entre o céu e a árvore. As cores do asfalto e do meio-fio definem uma linha horizontal na base da fotografia e a copa da árvore recorta o céu em uma linha curva. A luz deve ser descrita, pois é um dia ensolarado e isto é evidenciado na imagem. Tanto o enquadramento centralizado, quanto o

espaço, quase que completamente preenchido pela árvore, são essenciais nessa descrição, pois tornam o tema evidente.

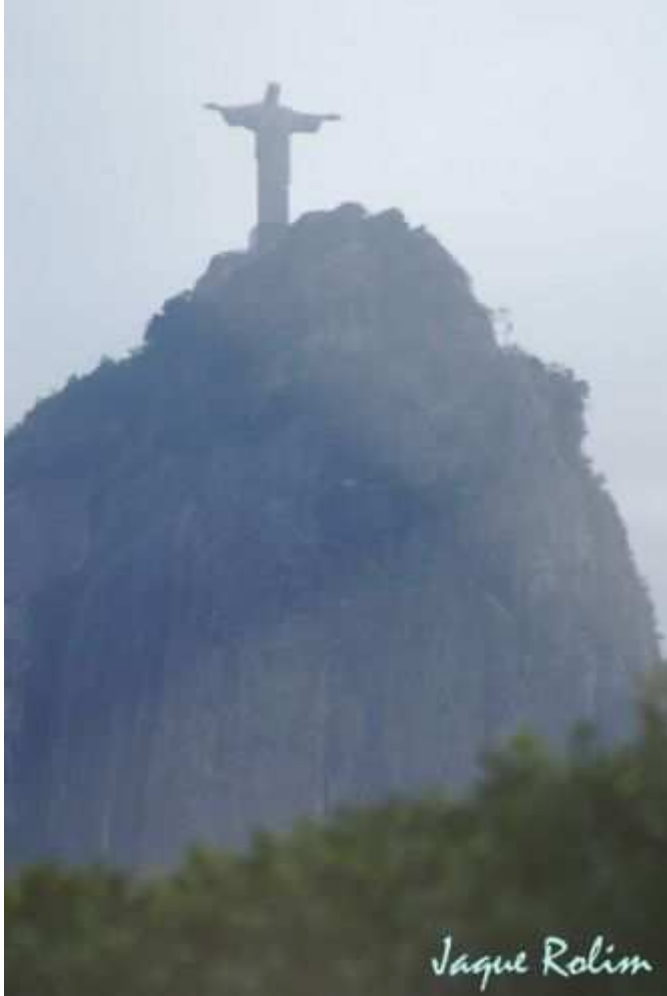
**Transcrição da Audiodescrição:** “Esta paisagem foi captada na região leste do Campus da Universidade Estadual de Londrina, em Londrina, Paraná, Brasil, no mês de setembro de 2012, onde se fixou o olhar nas características de um Ipê branco, florido, que trazia uma luz diferente para a paisagem do local. Um dia ensolarado, com a ausência de ventos e a presença constante de ar fresco, com cheiro suave de ervas, terra úmida devido a uma pancada de chuva passageira. O silêncio é interrompido pelos motores de carros e caminhões que trafegam ao longe na rodovia que corta o campus, na direção leste-oeste. O Ipê, ao centro da foto, rouba a cena. É ele o protagonista da imagem que anuncia a chegada da primavera no campus. A sua sombra projetada no chão mostra que o sol a pino se passou e, neste momento, em seu movimento aparente caminha para o oeste, anunciando que tem pressa do entardecer. 14 horas foi o horário da cena, que não contou com transeuntes, apenas bancos de concretos solitários à espera de estudantes em seu momento de lazer, de descanso ou de mais um instante de estudo. O gramado contrasta com as calçadas e as árvores que entornam o Ipê são os panos de fundo da paisagem, pois o Ipê se impõe e briga com o céu azul para ser ele o grande destaque. Eis a chegada da primavera no campus”.

**Análise:** Mais uma vez, a descrição acaba sendo pouco objetiva. É possível perceber que há a preocupação em usar a sinestesia, falar sobre o cheiro e a temperatura, contribui para tornar a descrição mais poética e ajuda a recriar a atmosfera da imagem.. A menção a elementos que não estão na foto, como “a rodovia que corta o campus...” podem confundir o espectador e vai de encontro a um fundamento essencial da AD, que é descrever o que se vê. Faltam orientações espaciais para elementos como os bancos e a sombra da árvore. Mais uma vez, a descrição foi feita sem seguir uma ordem lógica com relação aos planos da imagem o que, já é sabido, facilita a compreensão da imagem como um todo. O contraste da cor do céu com as flores da árvore é flagrante. Assim, esta característica poderia estar em destaque, vindo no início do texto e indicando mais coerência com a linguagem fotográfica.

| Quadro 7 – Primavera no campus  | Primavera no campus |
|---|---------------------|
| <b>Parâmetros Elementares da AD</b>   |                     |
| Não resumir   | ✓                   |
| Não interpretar ou dar opiniões pessoais  | X                   |
| Descrever o que se vê   | X                   |
| <b>Menção aos elementos da composição fotográfica (Luz e Sombra, Linha, Figura, Volume, Textura e Espaço)</b> | ✓                   |
| <b>Princípios Básicos para a AD de Fotografias</b>  |                     |
| Informações sobre dimensões e disposição da fotografia  | X                   |
| Descrição partindo do mais geral para o mais específico   | ✓                   |
| Informações sobre cor, textura e sombreamento   | ✓                   |
| Informações sobre perspectiva, foco e plano   | X                   |
| Localização dos itens à partir do ponto de vista do espectador  | X                   |
| Priorização de itens em destaque  | ✓                   |
| Não havendo destaques, descrever partindo da direita para a esquerda, de cima para baixo                      | X                   |
| Uso de comparações sinestésicas   | ✓                   |
| Evitar o uso de referências visuais   | ✓                   |
| Uso de linguagem clara e objetiva   | X                   |
| Uso de figuras de linguagem   | ✓                   |

#### 5.2.4 CRISTO REDENTOR, RIO DE JANEIRO(1ª exposição, foto 9)

Figura 22 – Cristo Redentor, Rio de Janeiro (1ª exposição - foto 9)



Fonte: Midiace<sup>17</sup>

Exposição: *Olhar do Coração*

Fotografia: Jaquelina Rolim

Audiodescrição: Fran Galdino

Esta imagem traz um primeiro plano desfocado; o que deve ser citado, pois destaca o tema ao fundo. A luz está distribuída uniformemente, criando três áreas de cores diferentes que, por sua vez, desenham uma linha horizontal na parte inferior e uma linha curva na parte superior da fotografia. Também em decorrência da luz empregada, o tema - o Cristo Redentor e o Corcovado - aparece como uma silhueta.

---

<sup>17</sup> Disponível em: < <http://www.midiace.com.br/index.php/exposicao/olhar-do-coracao/801> >

**Transcrição da Audiodescrição:** “Imagem do Cristo Redentor sobre o pico da rocha. Abaixo, uma verde mata, no Rio de Janeiro.”

**Análise:** A descrição peca aqui pela falta de detalhes, o que vai de encontro a outra regra básica da AD, não resumir. Apenas dizer que se trata da imagem do Cristo Redentor pode ser uma mensagem completamente vazia para muitos deficientes visuais. É preciso realmente descrever a “imagem do cristo redentor”, se referindo à sua posição, à cor, suas dimensões. A rocha sobre onde está o Cristo também poderia ter sido descrita, e nomeada, já que se trata do Corcovado, uma das paisagens mais famosas do Brasil. A audiodescrição também está incompleta com relação aos parâmetros de AD para imagens estáticas, que incluem a linguagem fotográfica. Indica apenas o tema geral, mas não dá atenção à perspectiva e ao ponto de vista. A visão é de cima ou de baixo? O Cristo é visto de frente ou de costas? De perto ou de longe? Também não existe referência aos planos existentes. A mata, por exemplo, está em primeiro plano. As cores e o foco poderiam ter sido destacados; o que ajudaria a construir a atmosfera do momento, pois a imagem do morro está um pouco desfocada, parece que há uma névoa e que o dia está nublado. Nada disso foi dito na descrição.

| Quadro 8 – Foto 9 (Olhar do Coração)  | Foto 9 (Olhar do Coração) |
|---|---------------------------|
| <b>Parâmetros Elementares da AD</b>   |                           |
| Não resumir   | X                         |
| Não interpretar ou dar opiniões pessoais  | ✓                         |
| Descrever o que se vê   | X                         |
| <b>Menção aos elementos da composição fotográfica (Luz e Sombra, Linha, Figura, Volume, Textura e Espaço)</b> | X                         |
| <b>Princípios Básicos para a AD de Fotografias</b>  |                           |
| Informações sobre dimensões e disposição da fotografia  | X                         |
| Descrição partindo do mais geral para o mais específico   | X                         |
| Informações sobre cor, textura e sombreamento   | X                         |
| Informações sobre perspectiva, foco e plano   | X                         |
| Localização dos itens à partir do ponto de vista do espectador  | X                         |
| Priorização de itens em destaque  | X                         |
| Não havendo destaques, descrever partindo da direita para a esquerda, de cima para baixo                      | X                         |
| Uso de comparações sinestésicas   | X                         |
| Evitar o uso de referências visuais   | ✓                         |
| Uso de linguagem clara e objetiva   | X                         |
| Uso de figuras de linguagem   | X                         |

### 5.2.5 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Nas três primeiras ADs, é perceptível o cuidado com a redação no sentido de tornar o texto mais poético do que técnico; o que é um ponto positivo. Entretanto, apenas na primeira descrição analisada foi possível observar que os princípios da audiodescrição foram levados em consideração. Isso talvez se deva ao fato de a descrição ter sido feita pela própria fotógrafa que, além de ter um conhecimento privilegiado de fotografia e estar descrevendo o próprio trabalho, tem algum conhecimento em AD resultado de pesquisa e consulta a profissionais<sup>18</sup>. As duas audiodescrições retiradas do artigo “Audiodescrição de fotografias como material didático para o estudo da paisagem por deficientes visuais” são pouco objetivas e o texto não é organizado. A ordem de descrição, essencial para uma AD eficaz, não é respeitada. Já a última AD analisada é muito resumida. Apenas identifica o tema, mas não faz nenhuma descrição de fato. O que se pode notar é que a falta de conhecimentos específicos por parte das pessoas responsáveis por essas descrições compromete o resultado final. Não sendo observados os parâmetros básicos; o objetivo de transmitir informações visuais de forma oral não é alcançado de forma satisfatória.

---

<sup>18</sup> Esta informação consta de uma entrevista concedida pela fotógrafa ao MIDIACE, publicada juntamente com a exposição *Olhares*, de onde foram retiradas a fotografia e a audiodescrição analisadas. Disponível em: <http://www.midiace.com.br/index.php/exposicao/olhares/804>

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A audiodescrição tem por objetivo transmitir informações visuais através de palavras. Como imagens e palavras configuram dois meios distintos, a AD é considerada uma modalidade de tradução intersemiótica. Seus primeiros usos se deram em filmes, peças de teatro e programações de TV. Assim, grande parte das pesquisas e manuais publicados se dirigem quase que exclusivamente para esses produtos. Poucos estudos se referem à audiodescrição de imagens estáticas, como pinturas e fotografias.

A audiodescrição é um campo em desenvolvimento no Brasil e, embora a pesquisa venha crescendo muito nos últimos anos, ainda não existem normas oficiais para a sua realização. Muito da produção atual acontece de forma experimental e se baseia nas normas técnicas publicadas por países com mais tradição em AD como o pioneiro Estados Unidos. Contudo, se a modalidade de audiodescrição para a qual se busca algum tipo de diretriz é a AD de fotografias, até mesmo esses guias trazem poucas contribuições. As publicações de países como Espanha e Inglaterra, por exemplo, onde a AD está estabelecida e vem sendo pesquisada há muitos anos, tratam apenas da AD de produtos audiovisuais. Mesmo as normas americanas, as mais completas em termos de variedades de tipos de AD, tratam o tema de forma muito abrangente; apresentando a categoria mais geral de AD de imagens estáticas (aí inclusas pinturas, fotografias, esculturas, etc.) e, ainda assim, num espaço limitado do documento.

Por ser a AD de fotografias, portanto, um campo ainda pouco explorado, mesmo no contexto internacional, buscamos com essa pesquisa incentivar a discussão sobre o tema. Para entender a situação da referida categoria de AD no Brasil tomamos oito fotografias, quatro audiodescritas por profissionais e quatro por pessoas sem formação, esperando encontrar entre elas diferenças significativas com relação à qualidade das audiodescrições. O critério para a análise foram os princípios elementares da AD, as diretrizes específicas para descrição de ADs de fotografias surgidos de nosso estudo e os elementos da linguagem fotográfica. Com isso foi possível observar que a formação influencia, sim, na produção de quem realiza a AD.

A análise foi feita em duas etapas, primeiro procuramos identificar, em cada fotografia, os elementos técnicos e compositivos utilizados. Os dados encontrados



auxiliaram a construir a segunda etapa, a análise das ADs, que levou em conta a utilização dos princípios elementares da AD e os parâmetros que delineamos.

Cinco das ADs analisadas obedecem aos critérios estabelecidos de forma semelhante. Entre elas apenas uma, *Descanso de Tela*, foi realizada por uma pessoa sem formação. As ADs das duas fotografias retiradas do artigo *Audiodescrição de fotografias como material didático para o estudo da paisagem por deficientes visuais*(MOURA, 2013) apresentaram problemas com relação à objetividade do texto, à ordem em que devem ser apresentados os planos e à identificação de elementos compositivos importantes para a cada fotografia descrita. A fotografia do Cristo Redentor traz, apenas, a identificação do tema. Todos os outros aspectos, dos princípios elementares aos elementos compositivos, foram ignorados.

À exceção da fotografia do Cristo Redentor, todas as outras ADs apresentaram um texto com um teor poético, desde a escolha lexical até a utilização de figuras de linguagem. Ainda a respeito do texto, nota-se que as orações são mais longas e a ordem direta nem sempre é utilizada, ao contrário do que é geralmente preconizado numa audiodescrição. Observa-se, portanto, que essa orientação é pertinente em relação a produtos audiovisuais, onde a AD depende do tempo, mas não se aplica à AD de imagens estáticas. Essa é apenas uma das evidências de que a AD de fotografias se beneficiaria de parâmetros mais específicos e das muitas lacunas a serem preenchidas nos manuais existentes.

Concluimos nosso estudo enfatizando a importância da formação para aqueles que desejam se tornar profissionais em AD e ressaltando o direito do público não vidente a descrições efetivas e de elevado nível de qualidade. Sabemos que muito ainda precisa ser pesquisado com relação a AD de fotografias, uma vez que nosso estudo analisou apenas fotos coloridas e de paisagens. Fotografias em preto e branco, retratos ou fotos abstratas, por exemplo, bem como para finalidades distintas (jornalísticas, publicitárias, etc.) não foram contempladas e aguardam por novos estudos. Esperamos, contudo, que tenhamos contribuído para dar visibilidade à questão da AD de fotografias e a necessidade de parâmetros mais específicos para essa modalidade, assim como estimulando outros a realizar pesquisas na área.

## REFERÊNCIAS

- ARNHEIM, Rudolf. *Film as Art*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1957. p. 231
- ART EDUCATION FOR THE BLIND. *Making Visual Art Accessible To People Who Are Blind And Visually Impaired*, 1996
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15.290:2005. Acessibilidade em comunicação na televisão.
- AUDIO DESCRIPTION COALITION. Standards for audio description and code of professional conduct for describers: based on the training and experience of audio describers and trainers from across the United States. [S.L.]: Audio Description Coalition, 2007. Disponível em: <<http://audiodescriptioncoalition.org>>. Acessado em : out, 2014
- AUDIO DESCRIPTION GUIDELINES AND BEST PRACTICES. American Council of the Blind's Audio Description Project, org: Joel Snyder, 2009. Disponível em: <<http://www.acb.org/adp/ad.html>>. Acessado em: out, 2014
- BASSOLS, Margarida; SANTAMARIA, Laura, Las indicaciones lingüísticas para la audiodescripción en inglés, en español y en catalán. In: *Acessibilidad a los Medios Audiovisuales para Personas con Discapacidad*, Madrid, p.197 – 209. 2006
- BENECKE, Bernd. Wenn aus Bildern Worte Werden. Munique. nov. 2004. (Tradução não publicada da Profª Marlene Holzhausen)
- BRASIL. MEC. Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível – Mecdaisy, 2012, p.10
- BRASIL. Constituição(1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: [http://www.dji.com.br/constituicao\\_federal/cf.htm](http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cf.htm). Acessado em: out, 2014
- BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. D.O.U., 20 dez. 2000 Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/2000/10098.htm>>. Acessado em: out, 2014
- BRASIL. Portaria nº 188, de 24 de março de 2010. D.O.U. 24 mar. 2010. Ministério das Comunicações. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/portarias/26611-portaria-n-188-de-24-de-marco-de-2010audiodescricao.com/acessivelportariasuspensao.htm>>. Acessado em: out/2014

BRAUN, Sabine. Audiodescription research: state of the art and beyond. In. Translation Studies in the New Millenium 6, 14-30

CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/informacoesGerais.jsf;jsessionid=4BF692B6090FC813AEB194F563D949E7.lbroutev121p149#3>> Acessado em: out/2014

CAPTURED LIGHT. Vídeo sobre a história da fotografia. Documentário da série Maravilhas Modernas. History Channel. 15 de dezembro de 1996. 46'19". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GyNa1OdJJcg>>. Acessado em: setembro de 2014

CASADO, Anna B. La audiodescripción: apuntes sobre el estado de la cuestión y las perspectivas de investigación”. In: FRANCO, Eliana P. C.; ARAÚJO V. Santiago (Orgs.) TradTerm, v. 13, p.151-169. 2007.

CINTAS, Jorge D. Competencias profesionales del subtitulador y del audiodescriptor. Madrid: CESyA, 2006, p.29 Disponível em: <[http://www.cesya.es/files/documentos/informe\\_formacion.pdf](http://www.cesya.es/files/documentos/informe_formacion.pdf)>. Acessado em: out, 2014

DE COSTER, Karin; MÜHLEIS, Volkmar. *Intersensorial Translation: Visual Art Made Up By Words*. In: Media for All. 2006 p.189-200

DE PAULA, Jeziel. Imagem & Magia: Fotografia e Impressionismo – um diálogo imagético. *Impulso*, Piracicaba/SP, volume 11, número 24, 1999, p.54-71. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/impulso24.pdf>>. Acessado em: out, 2014

DUBOIS, Philippe. Da verossimilhança ao índice. In: DUBOIS, Phiippe. O ato fotográfico e outros ensaios. SÃO PAULO: Papirus, 1993. p.23-56

\_\_\_\_\_. O ato fotográfico. In: DUBOIS, Phiippe. O ato fotográfico e outros ensaios. São Paulo: Papirus, 1993. p.57-107

ENTLER, R. “Retrato de uma face velada: Baudelaire e a fotografia”. In: *Revista da Faculdade de Comunicação da FAAP*. Nº 17, 2007, p. 4-14.

EVANS, Elizabeth J.; PEARSON, Roberta. Boxed Out: Visually Impaired Audiences, Audio Description and the Cultural Value of the Television Image. In: *Participations Journal of Audience & Reception Studies*, Nottingham, v.6, n.2, p. 373 – 402, nov. 2009

FRANCO, Eliana P. C. Em busca de um modelo de acessibilidade audiovisual para cegos no Brasil: Um projeto piloto In: FRANCO, Eliana P. C.; ARAÚJO Vera S. (Orgs.) TradTerm, p.171-185. 2007.

FRANCO, Eliana P. C.; SILVA Manoela Cristina C. C. da. Audiodescrição: Breve Passeio Histórico. In: MOTTA, Livia M. V. M.; FILHO, Paulo R. (Orgs.) Audiodescrição transformando imagens em palavras, p.23-42, São Paulo: 2010

FRANCO ET AL. Confronting Amateur and Academic Audiodescription: A Brazilian Case Study In: Tradução em Revista 11, 16 p. 2012

FELZ, Jorge. *A Fotografia*. p. 34, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <[http://fotojornalismojf.files.wordpress.com/2013/07/cap1\\_a-fotografia.pdf](http://fotojornalismojf.files.wordpress.com/2013/07/cap1_a-fotografia.pdf)>. Acessado em: out, 2014

GOMBRICH, Ernst H. *História da Arte*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977

IBGE. Censo Demografico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência, 2011. Disponível em: <[http://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_Deeficiencia/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.pdf](http://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deeficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf)> Acessado em: out, 2014

ITC Guidance on Standards for Audiodescription, *Audetel*, 2000.

JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. In: BROWER, R.A(org.).*On Translation*, p. 232–239. Harvard Studies in Comparative Literature. Cambridge: Harvard University Press, 1959.

MOURA, Jeani D. P. Audiodescrição de fotografias como material didático para o estudo da paisagem por deficientes visuais. In: Congresso Internacional de educação Pesquisa e Gestão, 5, 2013, Ponta Grossa. Ponta Grossa: Instituto Sul Americano de Pós Graduação, Ensino e Tecnologia, 2013, p. 11.

NEVES, Josélia. *Imagens Que Se Ouvem*.90 p. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, 2011

ORERO, Pilar. *Film reading for writing audio descriptions: A word is worth a thousand images?* In: PEREGO, Elisa (Ed.) *Emerging topics in translation: Audio description*, p.13-28, Edizione Università di Trieste, 2009

ORERO, Pilar. Audio Description: Professional Recognition, Practice and Standards in Spain In: *Translation Watch Quarterly*, Volume 1, Issue 01, p.1-17, Barcelona: 2005

PRÄKEL, David. *Fundamentos da fotografia criativa*. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 2012.

RODRIGUES, Iracema Vilaronga. O Potencial Formativo do Cinema e a Audiodescrição: Olhares Cegos. 2010. p.147

ROUILLÉ, André. Da arte dos fotógrafos à fotografia dos artistas. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, número 27, 1998, p.302-311. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3204>>. Acessado em: out, 2014

SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. *Com os olhos do coração : estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil*. 2009. p.214

UNE 153020. *Audiodescripción para personas con discapacidad visual. Requisitos para la audiodescripción y elaboración de audioguías*, Madrid: AENOR, 2005.